COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Relações Entre os Índios do Alto Xingu e a Fauna Regional

José Cândido M. de Carvalho

fac-similado N.º 140

CULTURA
Edições
Governo do Estado

RELAÇÕES ENTRE OS ÍNDIOS DO ALTO XINGU E A FAUNA REGIONAL

COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
www.amazonas.am.gov.br

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Eduardo Braga

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Robério Braga

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
SAUL BENCHIMOL – PRESIDENTE

CULTURA
Secretaria do Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633.2850 / 3633.3041 / 3633.1357
Fax.: (92) 3233.9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
www.culturamazonas.am.gov.br

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO
MUSEU NACIONAL

JOSÉ CANDIDO M. CARVALHO

RELAÇÕES ENTRE OS ÍNDIOS DO ALTO XINGU E A FAUNA REGIONAL

(FAC-SIMILADO)

COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © 2009 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado de Cultura

Coordenação Editorial
Antônio Auzier Ramos

Projeto Gráfico
KintawDesign

AmM Carvalho, José Cândido M.
F.43

Relações entre os índios do alto Xingu e a fauna regional. / José Cândido M. Carvalho (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado de Cultura, 2004.

56 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 140

Raro

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga

Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga na sessão solene de posse em 1.º de janeiro de 2003.

PUBLICAÇÕES AVULSAS
DO
MUSEU NACIONAL

Relações Entre os Indios do Alto Xingu e a Fauna Regional

Por
JOSÉ CÂNDIDO M. CARVALHO

1951

Composto e Impresso
na Oficina Gráfica da
Universidade do Brasil

Realizando, em julho de 1948, uma segunda viagem ao Alto Xingu, tivemos a oportunidade de estabelecer contato direto com índios pertencentes a doze tribos diferentes, tendo ensêjo de conviver com algumas delas e com elementos isolados de outras, de forma tal a podermos estabelecer um estudo comparativo dos hábitos dos índios com relação à fauna regional.

Os resultados de nosso trabalho estão sintetizados neste boletim, onde procuramos considerar aquelas tribos em seu aspeto geral visto serem elas já bastante relacionadas entre si, a ponto de terem adquirido muitos traços comuns, sobretudo no que se refere à caça e à pesca, bem como a adornos e a outros usos relacionados com a vida animal da região.

Para tornar nossos dados mais acessíveis aos zoólogos, aos quais êste trabalho é mais particularmente dedicado, decidimos tratar os vários grupos animais em separado, discutindo a seguir as espécies ou seus elementos que tenham relação com a vida indígena no Alto Xingu, conforme pudemos observar.

As dificuldades da língua, de transporte e outras, ligadas à psicologia indígena, tão conhecidas por todos que já realizaram trabalhos em regiões ainda não desbravadas, servirão de justificativa a algumas falhas que porventura aqui tenhamos cometido, esperando que outros pesquisadores, no futuro, saibam relevá-las apresentando as devidas correções.

Foi-nos dado observar relações dos indígenas com os seguintes animais ou grupos animais :

MAMÍFEROS : — Dos vertebrados, são os mamíferos uns dos menos visados pelos índios do Alto Xingu. Devido a uma série de crendices, relacionadas sobretudo com o período de gestação e amamentação da mulher, são os mesmos poupados na alimentação do homem durante uma grande fase de sua vida.

As tribos da região comem regularmente o macaco prego ou caí (*Cebus cay*), relativamente abundante na mesopotâmia dos formadores do Xingu. Êsse macaco é muito apreciado, sendo comido indiscriminadamente por homens, mulheres e crianças. Quase tôdas as tribos possuem índios peritos na caça dessa espécie de macacos. O seu modo de assoviar na mata é imitado com absoluta perfeição pelo índio, que consegue atrair o bando até poucos metros de si, flechando um ou mais dêles de cada vez. Uma vez na maloca, são assados num espêto de pau, sôbre um forte braseiro ou mesmo sôbre a labareda, e logo após comidos com muito prazer.

Os ossos metacarpianos, tíbia e rádio dêsse macaco e de outras espécies, são usados para pontas de flecha. Hoje isso é substituído, em larga escala, por arame, pontas de prego e outros objetos levados pelo civilizado.

Outro macaco também comido é o guariba ou bugio (*Allouata belzebul*), sendo, no entanto, manjar apenas dos velhos, e mesmo assim não de todos, a ponto de serem aquêles apontados pelos companheiros como "comedores de bugio". Os Trumai comem o macaco aranha (*Ateles paniscus*) e provàvelmente o barrigudo (*Lagothrix sp.*) segundo nos informaram, porém não o constatamos visualmente.

Uma família Matipu, que viera visitar os Kalapalo, trouxe consigo um pequeno macaco caí, que alimentava com biju e restos de peixe. Tôda manhã, ao despontar do dia, o macaquinho tinha que acompanhar a família ao banho, ficando depois tiritando de frio em tôrno de minúsculo fogo que acendiam na beira do rio.

As onças são bastante temidas pelos índios, mas são caçadas de vez em quando. É altamente apreciado na região o colar de unhas de onça, adôrno êsse que trazem dependurado no pescoço, quase sempre encimando o colar de peças de caramujo. Um colar dos mais bonitos, encontrado entre os Kalapalo, possuia 56 unhas, tôdas grandes e bem desenvolvidas, retiradas do jaguar (*Felis onça*) e da sussuarana (*Felis concolor*). Para flecharem as onças, preparam uma flecha especial, com ponta de madeira ou taquari, vista geralmente em número de uma ou duas no maço individual de flechas dos caçadores.

A pele do jaguar é utilizada como adôrno, para braçadeira, apertando a extremidade superior do bíceps. O cacique dos Kamaiurá possui um par dessas peças, retirados da pele de uma onça preta (*Felis onça, f. melanica*), abatida nas margens do Kuluene.

Os Kamaiurá tinham em cativeiro um filhote de jaguatirica que, segundo nos disseram, ao crescer começou a perseguir os papagaios da aldeia e a fazer uma série de estrepolias.

Os veados não são abatidos para alimentação, tendo sido todavia encontrado um calcâneo de campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), numa escavação feita no pátio de uma antiga aldeia, juntamente com maxilares de Cebus, ossos de tracajá e outros restos misturados com cinza e carvão, o que nos faz crer que, pelo menos no passado,

êsses animais eram comidos pelos Trumai, aos quais afirmam ter pertencido essa aldeia hoje desaparecida.

Outros mamíferos, em geral, são flechados apenas como esporte ou treino de pontaria, sendo sistemàticamente abatidos tôdas as vêzes que, descuidados, se põem ao alcance das flechas certeiras do índio. Dêsse pudemos observar algumas ariranhas (*Pteronura brasiliensis*) que, bastante curiosas, responderam ao chamado peculiar que lhes fizera um índio, chegando paulatinamente até alguns metros de distância do ponto de tiro, sendo uma delas flechada no pescoço.

Os porcos do mato, caitetus (*Pecari tajacu*) e queixadas (*Tajacu pecari*), causam estragos de certa monta nos mandiocais cultivados pelos índios. Para evitá-los, controem cêrcas de pau roliço, deitados uns sôbre os outros, seguros de distância em distância por dois paus verticais, fincados no solo e amarrados entre si com cipó ou embira. Causou-nos bastante admiração a segurança e perfeição com que fôra feita uma dessas cêrcas em tôrno do mandiocal do cacique dos Kalapalo, que naturalmente se valeu do concurso de seus camáras (índios trabalhadores).

A anta (*Tapirus terrestris*), apesar de entrar freqüentemente em suas histórias, parece não ser molestada.

Atualmente várias tribos já possuem cães, muitos dêles realizando um verdadeiro milagre na arte de viver com algumas migalhas. Nunca poderíamos supor que um cão pudesse viver com tão pouco alimento, e que pudesse variar tanto seu regime alimentar. Vários dêles comiam insetos, brotos novos de certas plantas e tudo que lhes fôsse atirado ao alcance. São todavia extremamente valentes, a ponto de, numa quinzena, não se acostumarem com os visitantes, tentando mordê-los tôdas as vêzes que entraram em contato com êles.

Outro fato que chamou nossa atenção foi o encontro, em plena mata, pelo cacique Kamalivé, dos Nahuquá, de uma pele de coatipuru ou caxinguelê, taxidermizada, ou seja, sêca e preparada com estiletes de taquari. Segundo aquêle índio, fôra deixada no mato por índios maus, seus inimigos. Pelo modo da preparação, não temos dúvida de que a mesma foi feita por índio, ficando todavia desconhecido o seu autor.

Alguns dentes são usados para seus trabalhos mecânicos. Os incisivos da capivara são muito apreciados para raspar madeira e outros serviços. Os dentes da cotia são às vêzes utilizados para sangria corporal, conforme mencionaremos adiante tratando dos peixes. Também usam-nos para perfurar objetos.

AVES : — Depois dos peixes, as aves ocupam o segundo lugar nas relações com os índios, ou o primeiro, se considerarmos apenas a questão de ornamentos.

As flechas são sistemàticamente adornadas na extremidade proximal por uma pequena coroa vermelha, de penas do peito do tucanim (*Pteroglossus castanotis, P. aracari, P. bitorquatus*), vindo, a seguir, duas metades de remiges ou retrizes, uma de um gavião e outra geralmente de arara, as preferidas. São também utilizadas para êsse fim as penas de mutuns (*Crax fasciolata* e *Mitu mitu*), bastante comuns da arara azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), da canindé (*Ara ararauna*), do jaburú (*Mycteria americana*) e tuiuiú (*Jabiru mycteria*), da magoari (*Ardea cocoi*).

Os gaviões mais apreciados são: o uirassu (*Harpya harpyja*) e apacanim (*Spizaetus tyrannus*) e carancho (*Polyborus plancus*), o gavião carijó (*Rupornis magnirostris*), o casaca de couro (*Heterospizia meridionalis*) e outras espécies. São altamente valorizadas as penas do uirassu e do apacanim. Essas duas espécies de gaviões são muito procuradas, seus ninhos localizados e os filhotes criados e mantidos em cativeiro, segundo nos disseram, com a finalidade única de retirar as penas tôdas as vêzes que elas crescerem. É um fato comum em tôdas as aldeias do Xingu a existência de gaiolas (*Apuin*) do gavião, no pátio da aldeia. Hoje já se nota um certo relaxamento nesse sentido, talvez devido à dificuldade na alimentação dessas aves, pois requerem cuidado diário do seu dono.

Pudemos assistir a uma "feira livre" entre os Kalapalos, onde o cacique, sentado no centro da aldeia com vários índios em tôrno, trocavam objetos, sendo essas penas uma espécie de moeda corrente entre êles.

Para confecção do colar que usam na cabeça nos dias de festa, colocam no centro duas penas longas (retrizes) da arara azul ou vermelha, e completam o restante com penas amarelas de joão-congo (*Gymnostinops uracares*), alguns dêles com penas (remiges) de papagaios (*Amazona aestiva* e *A. amazônica*).

Usam no braço uma cinta de pena (*araviri*), colocada na inserção superior do biceps, feita exclusivamente com penas amarelas do peito da arara canindé.

Atrás da orelha usam o *Tukanáp*, pequeno pedaço de taquari ornamentado com penas de tucanos (*Rhamphastos toco* ou *R. monilis*), tendo no centro um grupo de penas (tetrizes) amarelas de joão-congo.

De um modo geral, apanham penas coloridas de qualquer ave, que são utilizadas para outros enfeites de menor monta. As retrizes dos gaviões, são também utilizadas para confecção de cocares. Desprovidas de suas coberteiras, são distendidas em leque para secar e depois serem presas à faixa de algodão do colar.

São utilizadas na alimentação indígena as seguintes espécies: Os mutuns cavalo e comum, o jacúbim (*Pipile cumanensis*), o jacupemba (*Penelope superciliaris*), as pombas (*Columba rufina, Columba picazuro*), a juriti (*Lepitotila sp.*), a rolinha (*Columbigallina*

talpacoti), a fogo apagou (*Scardafela squammata*), os papagaios (*A. aestiva* e *amazônica*), o pato creoulo (*Cairina moschata*), o macuco (*Tinamus tao*). Entre os Kalapalo, os velhos comem araras. De um modo geral comem pouco essas aves, pois a sua caça requer perícia e muito tempo, sendo escassas as oportunidades de caçá-las com flechas.

A caça do tucanim (*araçaris*) requer grande habilidade e muita fôrça, sendo praticada apenas por alguns índios especializados nesse mister e distinguidos entre os demais como "caçadores de tucanim". Não é raro abaterem papagaios e araras, ao escurecer, quando regressam diàriamente das matas para o cerrado, onde pernoitam.

Possuem, em relação à saracura (Kamaiurá), a mesma crendice de que nos fala CARDIM, no seu livro : "Tratado sôbre a terra e gente do Brasil" (ref. Boletim do Museu Nacional, série avulsa n.° 4).

Em suas lendas falam de perdiz (*Rhynchotus rufescens*), da seriema (*Cariama cristata*), do martim-pescador (*Ceryle amazonica*), do socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), da coruja (*Rhinoptinx clamator*), do bilro (*Hirundinea belicosa*).

Costumam também manter em regime de semidomesticação algumas aves, que, às vêzes, se tornam extremamente mansas, a ponto de nunca mais abandonar o seu convívio, embora saiam na estação reprodutora para depois voltar novamente às malocas. É curioso observar como essas aves, tendo pela frente o cerrado ou a mata a sua disposição, trocam-nos pelo convívio do homem, tornando-se muitas vèzes verdadeiros defensores da aldeia, como se fôssem cães de guarda. Entre elas pudemos observar os mutuns, o pato creoulo, jacamins (*Psophia viridis*), papagaio (*A. aestiva, A. amazonica, Pionus menstruus*), a jandaia (*A. aurea*), o periquito (*Tirica chiriri*), o bentevi (*Pitangus sulphuratus*), araras canindé e vermelhas, o japim (*Icterus jamacai*).

Foi para nós surprêsa encontrar um casal de bentevis doados aos irmãos VILLAS BÔAS, da Expedição Roncador Xingu, completamente mansos, a ponto de comer em nossas mãos, dormir no punho das rêdes e repelir valentemente qualquer outro pássaro que se aproximasse de nós quando estivessem perto. Êsses animais chegavam a acompanhar seus donos até o banho no rio e depois regressar novamente, de árvore em árvore, até o rancho de moradia.

Os índios da região costumam caçar tôda e qualquer ave que lhes venha ao alcance das flechas. As crianças e rapazes possuem uma flecha própria para êsse mister, com cêra ou um côco de buriti perfurado na ponta (flecha sibilante). Graças a isso, ao atingir a maturidade já são habilíssimos flechadores. O barulho provocado pelas flechas sibilantes parece provocar um certo embevecimento da ave, auxiliando também enormemente na sua procura posterior, pois graças ao som é fàcilmente localizada na sua queda.

Outro fato que muito nos chamou a atenção foi a captura sistemática de filhotes de aves, insetívoras, herbívoras, etc., para tentar sua criação em casa ou apenas para divertir as crianças. Estão no rol das aves recolhidas por êsse processo, os beija-flores, a gaivota da região, o picapau da cabeça vermelha (*Campophilus robustus*), o bentevi e papagaios de várias espécies.

RÉPTEIS: — Dessa classe, pelo menos uma espécie ocupa papel muito destacado na vida dos índios da região. Referimo-nos ao tracajá (*Podocnemis cayennensis*), cujos ovos e a própria carne são altamente apreciados. Coincidem mesmo com a desova do tracajá, que na região é feita nos meses de setembro até princípio de outubro, algumas de suas maiores festas tribais. Nessa época gozam de muita fartura de alimento, pois as praias do Kuluene e do Xingu ficam repletas de tracajás em postura. Êsse animal, quando vai depositar seus ovos na areia, escava um pequeno buraco e depois toma uma posição quase ereta até terminar a postura, sendo nesses dias fàcilmente capturado pelos índios. Em outras ocasiões só mesmo com muita perícia poderão capturá-los, pois são extremamente sagazes, afundando n'água ao menor barulho. Tivemos a oportunidade de apreciar a captura de um exemplar que se achava do outro lado de um braço do rio, cêrca de quarenta metros de onde nos achávamos. Apontado ao índio em nossa companhia, êste saltou na água e mergulhou, tomando respiração apenas duas vêzes no trajeto, indo sair em baixo do tracajá, que calmamente esquentava-se ao sol, deitado sôbre um tronco inclinado na margem do rio. Quando saltou para se esconder, já foi cair nas mãos do índio, que radiante nadou novamente até nós, segurando o tracajá pela mão.

O animal é geralmente assado sôbre brasas, muitos ali postos ainda com vida, de pernas para cima. Depois de assado é batido contra o solo, partindo-se em vários pedaços que são a seguir devorados.

Os ovos da tartaruga (*Podocnemis expansa*) são também aproveitados e, segundo nos disseram, os Nahuquá comem a sua carne.

As cobras são em geral muito temidas pelos índios. Pudemos verificar a existência ali da surucutinga (*Lachesis muta*), da jararaca (*Bothrops jararaca*) e do jararacussu (*B. jararacussu*). Dão-nos também notícias da cascavel, muito temida. Segundo alguns pajés, são venenosas as seguintes espécies: monhatzin, moicinin, yararak, yararakun, moipep, moitátãnã, moicoiau, moitzicó, moitzicoin, tucuriuí (nomes kamaiurá).

Pudemos constatar que desconhecem como distinguir as serpentes venenosas das não venenosas, pois uma boipeva que capturamos, não venenosa, foi apontada como extremamente mortífera. Ao ver-nos manipular a referida cobra, conservaram-se sempre á distância e trocaram palavras de admiração. Os acidentes ofídicos, se-

gundo nos disseram, são muito raros, o que é de se esperar, visto a habilidade que possuem na localização de animais na mata ou no cerrado.

Não comem a carne de jacaré nem, segundo nos foi relatado, de qualquer outro réptil de menor porte.

ANFIBIOS: — Aparentemente não dão importância aos sapos e pererecas. Apenas falam na possibilidade de serem mordidos pela intanha.

Também não pudemos obter nenhum indício do uso de veneno de *Bufo* para qualquer fim. O colega PEDRO LIMA verificou, entre os Waurá, o uso de pererecas na alimentação.

PEIXES : — Como já mencionados antes, os peixes ocupam o primeiro lugar entre os animais, no que respeita à vida indígena no Alto Xingu.

Constituem os mesmos, juntamente com a mandioca, os dois alimentos primordiais daquelas populações. Tôdas as tribos são localizadas próximo aos rios ou grandes lagoas da região, e todo índio sabe, melhor do que ninguém, realizar suas pescarias com êxito. Os afluentes do Xingu são todos rios piscosos, não o sendo menos as lagoas, paranás ou antigos braços de rio, espalhados em grande número nessa zona.

As pescarias são realizadas de vários modos. A mais corriqueira é a pesca a flecha, nas canoas, surpreendendo o peixe na superfície da água; e, geralmente, mais rendosa pela manhã. Um índio se encarrega de remar, enquanto outro, de pé na proa da canoa, arco em riste, procura acertar o peixe que vê, ou cuja presença na superfície é denotada pelo movimento da água. A canoa é geralmente dirigida beirando as margens, onde o peixe é mais fàcilmente atingido.

O timbó é muito usado nas pescarias coletivas, sobretudo na baixa das enchentes, nas lagoas ou braços de rio, onde a água tenha pouca circulação. Para isso, vários índios cortam no mato feixes de cipó timbó juntando-o em molhos de, aproximadamente, quarenta centímetros de comprimento e cêrca de vinte cinco de espessura. Êsses molhos são batidos com um pedaço de pau de encontro a uma forquilha de madeira, colocada ao nível da água. À medida que o cipó vai sendo esmigalhado com as pancadas desferidas pelo índio, êste vai remexendo a água com as pernas, a fim de misturá-la com o macerado que cai do timbó. Após bater alguns minutos num local, mudam para outro, cinco a seis metros distantes, repetindo ali a mesma cousa. Depois de ter aplicado timbó em todo lago e remexido bastante a água, aguardam então a morte dos peixes, que começa cêrca de uma hora depois, ocorrendo esporàdicamente até o dia seguinte. Primeiro morrem os peixes mais sensíveis, e por fim os mais

resistentes, como traíras, bagres, tuviras, etc. O peixe obtido com ajuda do timbó é de curta preservação, decompondo-se com relativa facilidade, dentro de horas. Numa dessas pescarias onde apenas quatro índios bateram timbó, na cabeceira de uma lagoa, foram obtidos mais de 100 quilos de peixe, de 22 espécies diferentes.

Segundo observou o colega Pedro Lima, a pescaria com timbó é sempre precedida de uma reunião noturna, na qual o cacique faz uma exortação aos seus camáras, pedindo-lhes que nessa noite se abstenham de ter relações sexuais com suas espôsas.

Outro método de pesca coletiva, onde dois e até quatro índios tomam parte, é o do facho de fogo, à noite. Para isso, preparam com antecedência longas tiras de casca de pau bem sêcas, fazendo com elas feixes de tamanho regular. Depois de anoitecer, acendem o feixe, cabendo a um índio carregá-lo, procurando localizar os penxes na beira do lago ou sob paus, no fundo etc. Acontece que durante a noite, são êstes muito mais fáceis de ser localizados, permanecendo imóveis no fundo ou repousando nas margens. Um ou dois índios, com arco e flecha, vão flechando os peixes encontrados, enquanto um quarto se encarrega de fazer a fieira. Numa noite feliz, conseguem vários quilos de pescado. Fazem ainda pescaria coletiva pelo processo de batida.

Nesse sistema, alguns índios postam-se de pé, imóveis, em determinado setor do lago, com arco e flecha em posição de tiro, enquanto outros, fazendo grande movimentação na água, procuram tocar os peixes naquela direção. É um processo rendoso nas águas rasas e limpas.

Usam também jiquis, armadilhas essas nossas conhecidas, onde o peixe entra e de onde não pode sair. O material utilizado para construí-los é o taquari.

O índio só pesca de anzol em último recurso, pois é um tipo de pescaria que não se adapta a seu gênio e a seus princípios. Encontramos, todavia, alguns dêles já bastante inclinados a adotar êsse método, embora freqüentemente perdessem os anzóis, enroscados no fundo do rio ou arrebentando as linhas.

O peixe obtido é propriedade do seu pescador, que sempre retira o suficiente para seu sustento, repartindo o restante com os demais índios. Constitui espetáculo interessante para nós a chegada do peixe. Geralmente o índio, sagaz como é, procura chegar à sua maloca às escondidas, a fim de que possa guardar seu peixe sem ser visto pelos demais, pois assim poderá se utilizar de maior porção para sí. Acontece todavia que os que não foram pescar, e certo número de malandros que nunca saem para êsse mister, ficam à espreita dos pescadores. Logo que êstes chegam e retiram o peixe da canoa, todos aquêles que conseguem ver, dão alarme, gritando uuh, uuh, uuh, espécie de vaia pelo fato de se deixar surpreender. A meninada então tem prazer todo especial em dar o alarme, e difìcilmente um

índio passará despercebido, embora tente, sistemàticamente, passar um lôgro nos demais. Nas épocas de escassez, geralmente a distribuição é feita apenas entre os índios de uma mesma maloca, quase sempre subordinados a um único capitão. O cacique, todavia, sempre recebe uma parcela de todos.

Êsse fato não ocorre entre as tribos do Xingu, sendo verificado por nós apenas entre os Kalapalo, e mesmo assim no seu acampamento provisório, à beira do Koluene, onde na época havia escassez de peixe. Entre os Kamaiurá, Trumái e outros, o peixe é festivamente recebido por todos, não havendo a preocupação de escondê-lo. Talvez seja êsse fato ligado, em parte, à fôrça moral que exerce o cacique sôbre os demais índios, o que, no caso do cacique Ykuma, dos Kalapalo, não nos pareceu muito convincente.

O peixe é preparado de três modos: a) — moqueado ou seja, assado sôbre pequena prateleira ou estrado de varas verdes, sob brasas; b) — cozido nas panelas de barro; c) — assado diretamente no braseiro. Quando julgam conveniente, tiram prèviamente as escamas e retiram as vísceras (que são aproveitadas à parte), sobretudo se vão cozinhá-lo. No mais das vêzes, entretanto, colocam o peixe para assar com vísceras e escamas. As vísceras são muito apreciadas e assadas à parte.

O processo de assar sôbre brasas, sôbre um estrado de varas verdes, é preferido quando o peixe é abundante, pois por êsse meio o peixe fica quase sêco, conservando-se vários dias em boas condições de aproveitamento. O peixe cozido é comido junto com o beijú de mandioca.

As espécies mais utilizadas na alimentação, durante nossa estada ali, foram: pintado, barbado, bagre, fidalgo, piranha, bicuda, pirarara, lambarí, tamboatá, curimatá, cachorra, tucunaré, piau, matrinchã, pacu, traíra, mandi, poraquê, karikari, cascudo, acará, corvina, tuvira, jacundá.

Além da alimentação, os peixes, ou partes dêle, são também utilizados para outros fins. Os dentes da piranha são usados, como lâmina cortante, no preparo das flechas, no corte do cabelo, dos fios de buriti e de outros objetos. Os maxilares inferiores de piranha de meia idade são os melhores, visto serem os mais afiados.

Os dentes de cachorra são utilizados para perfurar o *ianavariá*, côco que assobia, colocado no ápice das flechas para caçar aves. Os dentes dêsse mesmo animal, ainda jovem, são empregados para a sangria corporal, tão usada pelos índios do Xingu. Para isso, fazem com êles um pente *Iutziri* onde os dentes são inseridos numa peça de cabaça, cêrca de vinte dêles, separados por dois a três milímetros um do outro, e presos do lado oposto com cêra de meliponas.

Com os dentes da traíra extraem os espinhos que porventura penetrem nos pés ou nas mãos (taraiain). O espinho da cauda da arraia é utilizado freqüentemente para ponta de flecha. Nos sarja-

dores, além dos dentes do peixe cachorra jovem, ainda são empregados dentes de traíra, tão aguçados como aquêles.

São muito típicas também cestas que fazem para carregar o peixe, que é embalado ocupando o menor espaço possível, como sardinha em lata. Quando o peixe é assado para vários dias, recoberto de uma crosta de carvão engordurado, quase totalmente sêco, costuma ser embalado nessas cestas ou mesmo assado já dentro delas. A forma que lhes dão permite que sejam carregadas nas costas, com uma tira de embira prêsa na cabeça e outra na virilha.

Resta-nos ainda mencionar os candirus, que apesar de pouco comuns na região, pelo menos segundo observámos na época em que lá estivemos, são mencionados pelos índios. Não tivemos, todavia, nenhuma informação de penetração uretral entre êles, tão falada pelos caboclos que ali estão e pelas populações ribeirinhas do Araguaia e dos afluentes do Amazonas.

Os peixes mais temidos são as piranhas, muito mais por certas tribos que por outras. Receiam também os poraquês e arraias. Quando estão batendo o timbó, são freqüentes os casos de choques elétricos desfechados pelos poraquês, do qual o índio se defende nadando com tôda a fôrça logo depois que recebe essa descarga. Da arraia se defendem, andando com o pé arrastando no fundo da água, nunca dando passadas no sentido de pisar o que se encontra na frente, e sim empurrar com o pé.

INVERTEBRADOS: — Alguns invertebrados são utilizados pelos índios como alimento, tais como: a formiga saúva (*Atta sexdens laevigata*), que é comida sobretudo nas épocas de escassez de alimento, não só as tanajuras como também os soldados ou operárias do formigueiro. Em tôdas as ocasiões em que presenciamos o seu uso como alimento, sòmente a cabeça era mastigada e deglutida. As tanajuras são ingeridas assadas na mesma pedra ou panela onde fazem o beiju. O mel de várias melíponas é muito apreciado e constitui mesmo uma rotina a sua retirada do cerrado ou na mata. Notamos grande abundância de melíponas, no cerrado do Koluene, onde contribuiam, com relevante parcela, para a alimentação indígena. Como acontece com o peixe, aqui também o índio procura iludir os companheiros, realizando tôda sorte possível de dissimulações para entrar na sua maloca sem ser visto, com suas cuias de mel. Tivemos ensêjo de verificar isso várias vêzes, pelo menos entre os Kalapalo.

As larvas de marimbondos são também comidas, de preferência, depois de assadas. Também anualmente, depois das queimadas ou na época da brotação da primavera, comem em abundância certa espécie de gafanhoto comum na região. Saem pela manhã com pequenas cestas de taquari, regressando à tarde com as mesmas cheias de gafanhotos. Segundo nos informaram, êsse período é bastante curto, sendo, no entanto, período de fartura de alimento.

Outro invertebrado utilizado como alimento é o carangueijo de água doce, de coloração róseo avermelhada, comum nas margens do Koluene e terrenos alagadiços.

A tocandira (*Paraponera clavata*) é muito temida na região. As aranhas são pouco respeitadas, em sua maioria apanhadas com a mão por homens e crianças, sem o menor receio.

Dos insetos nocivos ao homem, são muito freqüentes os mosquitos culicinios e anofelinos. Dêstes últimos, o *Anopheles darlingi* é o mais comum ali, transmitindo entre os indígenas a malária, geralmente sob a forma de terçã benigna (*Plasmodium vivax*).

Também os piuns, borrachudos e mosquitos pólvora ou maruins, perseguem intensamente tôdas as pessoas que se afastam do acampamento ou aldeia, notadamente no cerrado, onde existem em grande número. Para evitar suas picadas, os índios usam pintar o corpo diàriamente com urucum e óleo de piqui, repelente e bastante eficiente para êsses dípteros, porém muito pouco em relação aos mosquitos.

O piolho humano (*Pediculus capitis*) existe entre os índios, sendo todavia muito catado, fato êsse que constitui uma rotina normal na vida indígena. Geralmente as lêndias ou piolhos encontrados são mortos por compressão entre os dentes, porém não deglutidos. O mesmo processo de destruição é aplicado aos carrapatos retirados do corpo das pessoas.

As pulgas (*Pulex irritans*) existem nas aldeias, tornando-se verdadeiro flagelo por ocasião do abandono temporário das malocas, nas estações de pesca ou do preparo de mandioca. Visitamos uma dessas aldeias temporàriamente abandonadas, e não nos foi possível permanecer ali durante muito tempo, tal o número de pulgas existente dentro das malocas ou mesmo em tôrno delas.

O bicho de pé (*Tunga penetrans*) também existe. Nos Kamaiurá pudemos ver um menino com os pés inteiramente tomados pelos bichos, a ponto de ter dificuldade de locomoção, e grandes avarias nos dedos do pé.

Outro inseto comuníssimo e muito numeroso nas aldeias do Xingu é a barata exótica denominada baratinha alemã (*Blatta germânica*), de hábitos essencialmente noturnos. Durante o dia não são notadas, porém depois de anoitecer poderão ser vistas aos milhares, devorando restos jogados no solo das malocas ou em sua proximidade.

Não ficam atrás os grilos, terríveis destruidores de tudo o que possam alcançar, não poupando a roupa e sapatos do recém-chegado. É costume entre os índios prender largatixas capturadas no cerrado, seguras por cordões de buriti, dentro das malocas, a fim de auxiliar no extermínio dos grilos, dos quais são ávidas devoradoras.

Não constatamos uma só vez a presença de triatomídeos ou barveiros, nas paredes de fôlha de buriti ou inajá, de aldeias visitadas.

As borboletas são apanhadas às centenas na beira dos rios ou lagos, colocadas em varetas de pau flexível, formando assim espécie

de cordão ornamental. Na época em que lá estivemos, voava em grande número a espécie *Aphrissa statira* Cramer.

Dos moluscos, usam as conchas bivalvas de um Lamelibrânquio (*suruvu*) para raspar mandioca, cortar suas pontas etc., e também no trabalho do pequi. Fazem o papel de nossas facas de cozinha, servindo à mulher em serviços caseiros. Do caramujo (*Strophocheilus* sp.), fazem seus colares. Um dêles, o *muirapei* (dos Kamaiurá) ou ruká (dos Kalapalo) é feito de lâminas da carapaça do caramujo, ao passo que o outro, *moit*, é feito de pequenos pedaços circulares, com perfuração central, por onde passa o fio que os une, formando assim um colar circular, quase uniforme, utilizado na cintura dos homens. O primeiro dêles é dependurado no pescoço. O *moit*, é especialidade dos Kuikuro, porém feito também por alguns Kalapalo e talvez em outras tribos.

As conchas são utilizadas pelos Waurá na confecção da sua já famosa cerâmica, segundo observou ali o colega Pedro Lima. Com elas alisavam antigamente seus arcos e madeira em geral, o que é feito atualmente pelo machado ou pelos facões. Algumas conchas menores são usadas inteiriças para enfeite, dependuradas nas rêdes, peças de vestuário ou utensílios. Para a abertura do fruto do pequi dão preferência a uma concha maior (itámucú) provida de uma forte ponta, enquanto que na raspagem da mandioca acham melhor outra espécie mais reforçada e sem êsse dente (maniókpináp).

Um espongiário abundantíssimo nos confluentes do Xingú, aparentemente semelhante à descrita pelo Dr. Othon Machado como *Tubella melloteitãoi*, é empregado na preparação da cerâmica dos Waurá. Segundo nos disseram aquêles índios, sòmente a parte da esponja que fica em tôrno da madeira, e já com mais de um ano de idade, é recolhida para ser usada.

Entre os Suiá, existem uma dança e uma cantiga baseada nos gerridios, êsses pequenos hemípteros de pernas longas, que deslisam sôbre a água. Talvez, observadores como são, tenham notado a agilidade com êsse animalzinho se desloca na água, como se estivesse dansando. É uma cantiga bastante melodiosa, cuja letra é a seguinte: "*Gomborosseti* (gerrideo), *uái-poto-to-ti*, a *crócacórará, oh âh oh áh, ôôô*". A repetição de cantigas é comum entre êles, bem como a simplicidade de suas letras.

É profundo o conhecimento que tôdos os índios possuem da fauna regional. Conhecem a maioria das espécies, tendo nomes específicos para tôdas. Sabem imitá-las, repetindo seus pios ou chamados, distinguem seus rastos e sabem seguí-los, calculando, com grande exatidão, o lapso de tempo decorrido entre a passagem do animal em determinado ponto, e sua chegada ali. É pena que sejam também notáveis destruidores da fauna, abatendo tudo que lhes chega ao alcance, freqüentemente sem nenhuma razão que justifique êsse fato.

Por outro lado, respeitam os animais criados na aldeia, como se fôssem irmãos, não comendo sua carne e impedindo que sejam maltratados pelas crianças.

As queimadas que fazem anualmente nos cerrados próximos, destroem um sem número de animais, modificando sèriamente a microfauna local. Essas queimadas parecem ser acentuadas no território dos índios Chavantes, onde pudemos observar fogo lavrando numa enorme área de terra.

As formas de animais são utilizadas como decoração para construção de bancos e na cerâmica indígena dessa área. São muito comuns os bancos com forma de urubu-rei (urubutzin), jaguar (iauat), caitetu (taiaú).

Na cerâmica, sobretudo nos vasos menores, utilizados para comerem, poderão ser vistas formas de: morcêgo, ariranha, veado, tatu, tracajá, jacaré, sapos, camaleão (iguana), cuviará, peixes, anta, jabuti, insetos, tocandira, caititu, macaco prego, gavião, jaguar, etc.

Sabem também desenhar com perfeição figuras de animais, utilizando carvão de madeira e sucos vegetais. (*cf.* Bol. Mus. Nac., série avulsa n. 4).

Em suas histórias são muito freqüentes as referências a esta ou aquela espécie animal, geralmente tomando parte muito ativa em tudo, mesmo naquilo que caberia exclusivamente ao homem. Com o fito de sabermos se utilizavam os animais em suas lendas ou contos, tentamos várias vêzes contar-lhes histórias, tais como a conhecida fábula de La Fontaine acêrca da cigarra e da formiga, a disputa da araponga e a onça, a aposta de corrida entre o jaboti e o veado, etc.

Certo dia, na aldeia dos Kalapalo, tivemos a oportunidade de relatar à velha Kuiamáry, mãe de Tetékuéro, algumas dessas histórias. Serviu-nos de intérprete o índio Luís, tão conhecido por todos que ùltimamente tiveram contato com aquela tribo. Vários índios ouviam atentamente, agachados ao nosso lado ou deitados nas rêdes dispostas em semicírculo.

Ao terminar nossas histórias, algumas ouvidas com certo interêsse, outras inteiramente desprezadas por êles, Kuiamáry tomou a palavra e começou então a contar o caso de um certo Riti e de Uné, que foram buscar amendoim na roça da perdiz. Ao indagarmos quem eram êsses personagens, tivemos a satisfação de saber que Riti era Deus e Uné, a lua, sua irmã. Daí por diante, durante alguns dias, pudemos colher dessa velha historiadora da tribo, a lenda que transcrevo a seguir. Procuramos dar-lhe o mais possível as expressões e forma de como nos foi relatada, não interferindo nunca, apenas procurando conduzir a conversa numa determinada seqüência.

Ao relatá-la, não temos outro intuito senão registrar para os estudiosos essa espécie de alcorão indígena, onde são misturados fatos religiosos, higiênicos, normas de vida, etc. Também o faço como uma homenagem aos irmãos VILLAS BOAS (Orlando, Cláudio e Leo-

nardo), cuja atuação na vanguarda de desbravamento da Expedição Roncador-Xingu, merece a nossa mais profunda admiração, não sòmente pelo seu senso de brasilidade, mas sobretudo pelo profundo amor e respeito dedicado ao índio. Em suas histórias futuras, se até lá chegarem a viver, os indígenas certamente irão dedicar largo espaço a êsses três bandeirantes de barbas grandes, que com êles estão vivendo desde alguns anos, sentindo de perto suas dôres e alegrias, respeitando seus costumes seculares e auxiliando a reconstruirem suas aldeias, muitas delas quase extintas pela doença ou pela fome nas épocas difíceis.

Quando os irmãos Villas Boas escreverem suas memórias, certamente teremos um conhecimento mais profundo dos índios dessa região, especialmente na parte que se refere às lendas, cuja interpretação só com um longo convívio entre êsses selvícolas poderá ser discutida e acertada.

A lenda de Kuiamáry, foi-nos contada como segue:

Deus (Riti) mora lá nas cabeceiras do Kuluene, onde tem uma grande aldeia com muitas casas. Êle tem como *camáras* todos os bichos, os veados, as onças, os porcos do mato e todos os demais. A terra dêle é muito grande e foi lá que nasceu Deus.

Deus é filho de *Nitzuengle* (onça), um grande capitão.

Certo dia um índio de nome *Kuantun* foi ao mato caçar e tirar corda para seu arco. Lá no mato teve que andar muito e já ao entardecer verificou que estava sendo seguido. Sua surprêsa foi enorme quando deparou com Nitzuengle e seus camáras, todos em atitudes ameaçadoras. Não teve dificuldades em saber que estavam se preparando para devorá-lo. Agindo com presteza, gritou para Nitzuengle:

— "Não me coma, não, que eu poderei mandar para você a sua mulher. Tenho duas filhas de rara beleza e vou mandar ambas para se casarem com você".

Diante da generosidade de Kuantun, Nitzuengle gritou então para seus camáras:

— "Não comam êle não".

Dizendo a seguir que tudo estava bem, Nitzuengle retirou-se para sua aldeia e Kuantun para a dêle.

Já tarde da noite, Kuantun chegou à sua maloca, triste, muito triste mesmo. Deitou em sua rêde e não conseguiu conciliar o sono, apesar da jornada estafante do dia. Foi então que chamando suas filhas, contou-lhes o que se passara na mata. Disse-lhes que Nitzuengle queria comê-lo, repartindo seu corpo com os camáras dêle. Não teve outro recurso senão oferecer-lhe suas filhas em casamento. Havia prometido enviá-las para Faucú (aldeia onde nasceu Deus), lá longe, nas cabeceiras do Kuluene. Assim elas poderiam ser espôsas de um grande capitão, o capitão de tôdas as onças.

As duas mulheres ficaram por sua vez muito tristes e disseram que Faucú era muito longe, que lá elas não iriam, pois não dese-

javam nunca abandonar sua aldeia e sua gente. Ao ouvir tantas lamentações, Kuantun calou-se e dormiu. Suas filhas também foram para suas rêdes, temerosas de que o pai as fôsse enviar para uma terra tão distante.

De madrugada, quando surgiam na mata os primeiros sinais de atividade, Kuantun se levantou de sua rêde, preparou seu machado e foi ao mato buscar paus. Trouxe dois pedaços bastante grandes e pesados, de certa madeira da mata.

Durante muitos dias Kuantun trabalhou, sòzinho e às escondidas, os paus que trouxera da mata. Cortou-os como gente, duas figuras de mulher. Faltava-lhes todavia bôca para falar, olhos para ver, ouvidos para ouvir e outras aberturas naturais do corpo. Terminada sua faina diária guardava as mulheres de pau bem escondidas e ia dormir. Assim procedeu até que conseguiu fazer a bôca, o nariz, os olhos, as unhas e tudo mais que elas necessitavam para se confundirem com gente de verdade.

Terminado seu trabalho fêz dentro de sua maloca uma divisão, erguendo de um lado da sua rêde uma parede de fôlhas de inajá, muito fechada, através da qual ninguém podia ver. Ali guardou os dois manequins, sem que ninguém desse pelo fato. Sua mulher e suas duas filhas nada souberam, ignorando o motivo dessa tapagem. Só êle, Kuantun, olhava as mulheres de pau. Certo dia decidiu fazer três bancos de madeira, a fim de que as mulheres entalhadas na madeira e êle próprio pudessem se sentar. Assim procedeu e foi dormir. Sua alegria foi muito grande quando no dia seguinte ao penetrar na tapagem, notou que existiam ali agora 5 mulheres e não duas como anteriormente. De manhã cêdo, ao se levantarem, as duas mulheres de pau sentaram nos bancos que Kuantun havia feito e viraram gente. Faltavam-lhes todavia o cabelo, os dentes e o *uluri*.

Radiante de alegria Kuantun cuidou logo de sair para o mato e foi buscar cabelo do *Cabaci* (corda de buriti). Chegando em casa preparou bem e colocou na cabeça das mulheres. Notou com certo desgôsto que aquilo não servia, pois o cabelo ficara branco. Retirou novamente o cabaci e imediatamente cuidou de arranjar outro. Desta vez trouxe cabelo de milho, que misturado com algas de um lago próximo, foi colocado na cabeça das mulheres. Notou que ficara bem.

Faltavam ainda os dentes e o uluri. Tomando novamente a direção do mato, Kuantun demorou a voltar. Desta vez trouxe dentes de *Fêngui* (piranha) e colocou-os no lugar, pensando que acertara, pois nenhum outro seria tão cortante. Mais tarde notou com desagrado que havia errado muito, pois trouxe peixe para elas comerem e viu com espanto que comiam o peixe crú e isso não se faz. Saindo a seguir para a mata, encontrou um pedaço de cousa muito dura, provàvelmente de sílex, e colocou no lugar dos dentes de piranha. Mandou então que as mulheres sorrissem e mais uma vez não ficou contente com o que havia feito, pois notou que os dentes ficavam pretos.

Foi daí que se lembrou das sementes da mangaba, duras e alvas. Retirou os dentes pretos e substituiu-os pelas sementes que havia trazido. Mandou que as mulheres rissem e ficou muito contente vendo que estavam com ótimos dentes, duros e brancos.

Só faltava agora qualquer cousa para protejer as partes sexuais das mulheres. Lembrou-se de certa madeira no mato de cuja casca havia um dia retirado ótima embira. Trouxe-a, preparou e colocou na região pubiana, dando-lhe a forma que hoje tem o *uluri* atual.

Uma vez tudo terminado, tendo as mulheres já tomado tôdas as formas e aspeto de gente, Kuantun as chamou e disse-lhes que iria enviá-las para Faucú, pois prometera mandar duas filhas para se casarem com Nitzuengle e precisava de qualquer forma cumprir sua palavra. Duas delas iriam desposar o grande capitão, chefe de tôdas as onças, e as outras que conseguissem algum casamento com os camáras de Nitzuengle. Disse-lhes que se preparassem, pois no dia seguinte teriam de seguir viagem.

Durante a noite tôda cantou o Tucútucú (corujão), pois Kuantun criava um em sua casa. No dia seguinte, ao penetrar na tapagem das mulheres, estas lhe perguntaram porque razão o corujão havia cantado tanto. Foi então que Kuantun se lembrou que havia se esquecido de enviar as mulheres para Faucú, ordenando que tratassem de preparar para a viagem na madrugada seguinte.

No dia seguinte, novamente cantou o corujão, já de madrugada. Kuantun levantando-se da sua rêde, penetrou na tapagem e desatando as rêdes das mulheres, deu-lhes farinha de mandioca e ordenou-lhes que seguissem em direção de Faucú. Elas tomaram o rumo das cabeceiras do Kuluene e desapareceram no cerrado, muito além.

Chegando o meio dia, com sol abrasador e pouco vento, as mulheres tiveram muita vontade de beber água. Avistaram a certa distância um grande lago, muito grande mesmo. Aproximando-se dali uma delas, ao tentar mitigar a sêde, notou que a água era amarga. Disse às demais que não experimentassem aquela água, pois amargava muito. Uma delas, desobedecendo ao consêlho de sua companheira, agachou-se na beira do lago, escorregou e caiu, bebendo muito daquela água, e morreu logo depois.

As quatro mulheres, muito tristes, continuaram seu caminho, chegando já muito tarde num local onde podiam pernoitar. Ali estenderam as rêdes, pernoitaram e no dia seguinte reiniciaram a jornada. Um pouco adiante, encontraram um Yále (anta), que virando gente lhes perguntou:

— "Aonde vão vocês ?"

As mulheres, ingenuamente responderam:

— "Vamos para Faucú, duas de nós para se casar com Nitzuengle".

Ao que então retrucou a anta:

— "Vão direito, não torçam não, o caminho é por ali", apontando a direção que deveriam seguir. Acontece porém que o que a

anta queria era ter relações sexuais com uma delas. E assim foi que, tomando uma delas consigo, tentou copular com a mesma, não tendo todavia levado avante o seu desejo, pois devido ao tamanho enorme de seu membro, partira a mulher ao meio. Foi então que notou que a mulher era de pau e, grandemente desapontada, tratou de fugir para o mato.

As três mulheres restantes ficaram então muito tristes, chorando muito. Seguiram seu caminho, pensando na morte da companheira. Mais adiante avistaram um martim - pescador, que virando gente, falou-lhes :

— "Para onde vão vocês ?"

— "Para Faucú, duas de nós para casar com Nitzuengle".

A mesma história que lhes contara Kuantun, foi então repetida ali. A seguir disse-lhes então o martim - pescador :

— "Pois sigam direito, não desviem não, o caminho é por ali".

Deu às três mulheres peixe para comer, exigindo depois ter relações sexuais com uma delas. Continuaram as três mulheres o seu roteiro durante vários dias, até que uma manhã encontraram uma cotia (acuzo) tirando mel. Esta, ao vê-las, virou gente e perguntou-lhes :

— "Para onde vão vocês ?"

— "Para Faucú, duas de nós para casar com Nitzuengle".

— "Pois sigam direito, não desviem não, que dentro de dois dias vocês chegarão lá. O caminho é por ali", apontando-lhes a direção, e perguntando a seguir :

— "Vocês querem mel ?"

— "Onde ha mel ?", perguntaram as mulheres.

— "Aqui no ôco do pau", disse a irara, que logo a seguir retirou bastante mel e deu às mulheres para tomar. Em retribuição, também exigiu ter relações sexuais com uma delas.

Retomando o caminho de Faucú, as três mulheres começaram a falar entre si, clamando que todos que encontravam queriam ter relações sexuais. Resolveram então pôr um paradeiro nisso. Chegando num enorme buritizal logo adiante, uma delas lembrou às duas outras a possibilidade de atarem uma cordinha da sêda do buriti no uluri e com ela impedirem que todos tivessem relações sexuais com elas. Para obter a fôlha do buriti, uma trepou na palmeira e cortou o tronco da mesma, que caiu ao solo com a parte cortada para cima. Ao descer, a mulher escorregou e caindo sôbre o tronco cortado, teve o seu ventre transpassado pela palmeira, morrendo logo a seguir.

Foi assim que ficaram restando apenas duas mulheres. Estas, muito tristes e chorosas, prepararam a corda de buriti, ataram a mesma ao uluri e prosseguiram sua viagem, rumo a Faucú.

Já próximo do fim da viagem, passando por um rio de águas muito claras, decidiram se banhar. Surpreendidas com a aproximação de alguém, treparam numa árvore próxima e ficaram bem quie-

tinhas. Foi então que viram se aproximar do rio a seriema, trazendo na cabeça uma cabaça para levar água para sua maloca. Ali chegando, a seriema tomou seu banho, encheu a cabaça dágua e pôs-se a admirar seu corpo, vendo como eram bonitas suas pernas, esta ou aquela parte do corpo, elogiando-se a si própria em altas vozes. Foi quando uma mutuca veio sentar nas costas de uma das mulheres. Não havia outro jeito sinão tocá-la dali, pois a picada de uma mutuca não é nada agradável. Assim foi feito, tendo a mutuca ido cair bem em cima da seriema que continuava se gabando e admirando a si própria, até que a mutuca, dando-lhe uma boa picada, fez com que a cabaça caísse e quebrasse, tendo a seriema voltado para casa muito tristonha e recebido forte repreensão do marido, que ficara muito zangado com ela.

Terminado o banho, as duas mulheres continuaram a caminhada, chegando pouco depois a uma encruzilhada. Eram dois os caminhos que tinham pela frente. Surgiram as dúvidas e veio a discussão. Uma delas disse :

— "Eu vou por aqui".

O que a outra retrucou :

— "Eu vou pelo outro caminho".

— "Não vai não que você nunca chegará a Faucú".

Nesse vou, não vou, chegou junto delas o lôbo, que virando gente falou :

— "Você vai por aqui e você, referindo-se à outra, por ali, que chegarão ao destino certo. Aconteceu que uma chegou a Faucú e outra foi ter à aldeia do lôbo.

Em Faucú, a chegada da mulher causou reboliço. Nitzuengle, aproximando-se dela, perguntou-lhe :

— "Quem é você ?"

— "Kuantun me enviou para casar com você".

Repetiu então para êle tôda a história que lhe contara Kuantun, por ocasião de sua saída da casa dêle, dizendo-se ser sua filha.

— "Mas onde está a outra ?", perguntou Nitzuengle, "seu pai me prometeu duas filhas e só chegou você ?"

— "Está na maloca do lôbo".

— "Porque não veio até aqui ?". Logo a seguir, Nitzuengle reunindo algumas camáras, pegou seu arco e muitas flechas, dirigindo-se para a aldeia do lôbo.

Lá chegando, Nitzuengle atirou logo uma flecha de assobio, que foi atingir a porta da casa. A mulher que estava no terreiro, correu para dentro, escondendo a flecha debaixo da cama. Nitzuengle indo buscar a flecha encontrou a mulher, tomando-a em seus braços e dizendo :

— "Seu pai deu você para mim, vamos para Faucú".

Chegando em sua aldeia, Nitzuengle preparou a rêde dela, man-

dou que ela fôsse fazer biju de farinha de mandioca e logo depois foi dormir.

Satisfeito por ter recebido as duas mulheres, Nitzuengle teve relações sexuais com ambas, tendo no entanto sòmente a primeira ficado grávida. Algumas luas se passaram até que a mulher grávida começou a ficar muito pesada e não poude mais ir buscar mandioca. Foi então que, certo dia, Nitzuengle saiu para ir ao mandiocal a fim de trazer mandioca para o preparo da farinha e do polvilho.

Nesse ínterim, enquanto a gestante fiava algodão dentro da maloca, a mãe de Nitzuengle varria a casa, removendo dali restos de peixe e outros detritos. Assim procedendo, a mãe de Nitzuengle peidou algumas vêzes, tendo a mulher de Nitzuengle cuspido em sinal de protesto. Ao perceber aquilo, a sua sogra, dirigindo-lhe a palavra em tom ríspido, disse-lhe:

— "Você está peidando, vou matar você". E sem a menor piedade ou consideração, matou sua nora, espôsa de Nitzuengle. Logo a seguir fugiu para muito longe, nunca mais voltando, no que foi ajudada por seu filho.

A irmã da morta, regressando também à maloca, encontrou-a estendida no terreiro, e dentro do seu ventre, poude perceber que havia duas crianças. Chorou muito, em altas vozes, enquanto Nitzuengle se achava fora, para esconder sua mãe.

Foi então que apareceu ali a formiga *Tsucuti* (lavapé) para fazer o parto, no que foi bem sucedida. Eram realmente duas crianças. A primeira ao nascer foi Deus ou Riti (sol), vindo logo a seguir a Uné (lua). Ambos ficaram tristíssimos com a morte da mãe e começaram a chorar, chorar, muito e muito mesmo.

Nitzuengle regressando do mato, e não sabendo enterrar a mulher, colocou seu corpo em cima da maloca. Deus e a lua começaram então a crescer ligeiro, muito depressa mesmo, porém sempre tristes e muito chorosos. Um dia sua tia, chamando-os à parte, perguntou-lhes:

— "Porque é que vocês estão chorando?" Não chorem não". Êles porém nada responderam. Sua tia pediu-lhes então que fôssem buscar amendoim (jusjuti) na roça da perdiz. Para lá se dirigiram e começaram a cavar, desenterrando o amendoim. Pouco depois, chega ao local a perdiz que ao vê-los ali, zangou-se muito e, furiosa, mandou-os embora, dizendo que não podiam fazer aquilo, pois tivera muito trabalho com sua roça e o amendoim era dela sòmente.

Riti (Deus) chamou então a lua, esconderam-se numa moita na beira da roça e ali confabularam, tendo um dêles dito:

— "Vamos matar a perdiz?"

Esta, ao ouvir tal frase, imediatamente retrucou:

— "Que é que vocês estão falando? Podem comer amendoim à vontade e levar o quanto vocês quiserem".

Deus então retrucou-lhe:

— "Pois você, perdiz, não acabou de dizer que o amendoim era seu e que não podiamos levar?": A seguir, pegou a perdiz pelo pescoço e começou a bater-lhe por trás, tendo ela implorado em altas vozes:

— "Espera, espera, tenho uma cousa muito importante para lhe contar. Foi sua avó que matou sua mãe. Aquela que está lá na maloca não é sua mãe, não. Sua mãe está morta em cima da casa e sua avó mora numa casa à beira dágua, longe daqui. Foi ela quem matou sua mãe. Foi ela..."

Deus e a lua, muito tristes, começaram a chorar. Jogaram a perdiz no campo, e esta, coitada, de tanto apanhar ficou com o pescoço fino e a região posterior do corpo tôda amassada. Assim vive hoje a *cuariti* (perdiz), tôda medrosa, no descampado.

Chegando em casa, Deus e a lua continuaram a chorar, sempre muito tristes. Ouvindo-os lamentar o seu destino, a tia lhes disse:

— "Não chorem não".

Ao que êles retrucaram:

— "Você não é nossa mãe. Ela morreu. Vovó a matou".

Pouco depois sairam ambos de casa e foram em busca da maloca onde residia sua avó, no local onde havia dito a perdiz, momentos antes. Depois de muito andar, chegaram à beira de um lago, onde havia uma velha maloca, suja e cheia de bichos. Havia ali muitas cobras, tendo Deus chamado o Acauá, que veiu logo, devorando tôdas elas. As pulgas eram também numerosíssimas, tendo Deus chamado a anta, que também acudiu logo, carregando-as dali. Só faltava dar cabo dos marimbondos que existiam em grande número no teto da maloca. Deus falou com o bilro e êle veiu comer os marimbondos.

A velhinha, que se ausentara por alguns instantes, voltando novamente, encontrou ali os dois meninos. Procurou agradá-los o mais possível, mandando que sentassem na rêde com ela, conversando como se fôsse muito amiga dêles. Após algum tempo de silêncio, Deus falou-lhe:

— "Foi você quem matou minha mãe".

— "Quem era sua mãe? Eu não sei disso, pois moro aqui no mato há muito tempo. Acho que sua mãe morreu de febre".

— "Pois a perdiz nos contou, e foi você quem a matou", responderam os dois meninos. Logo a seguir, bateram no peito da velha e a mataram.

Deus então disse à lua:

— "Vai apanhar fogo".

A lua voltou correndo para casa e, ao chegar ali, perguntou-lhe a tia:

— "Para que é que você quer fogo? Onde está seu irmão?"

— "É para matar uns marimbondos", retrucou a lua que, sempre correndo, levou o fogo para Deus. Êste ateou então fogo à casa da velha, jogando tudo que ela possuia na fogueira.

Daí a pouco, quando a velha começou a arder, os ossos começaram a saltar daqui e dali, alguns atingindo apreciável distância. Deus, com receio de ser atingido, chamou a lua e ambos se esconderam atrás de um pau. O barulho da fogueira continuava e os ossos a pularem tic, tic. Foi quando então a lua, mais curiosa, esticou o pescoço por detrás do pau para olhar a fogueira. Os ossos, que nesse momento explodiam mais, arrebentaram em várias direções, tendo um atingido a lua diretamente no nariz, arrancando-lhe essa parte do corpo. Deus tentou em vão curar a ferida ou reparar a lesão, vindo a lua a falecer, o que lhe causou um imenso pesar. É por essa razão que hoje em dia nós vemos a lua no céu sem o seu nariz, sobretudo quando ela está olhando de lado para nós.

Chegando em casa muito triste, Deus procurou logo um meio de enterrar a mãe, que estava em cima da casa. Retirou-a dali, colocando seu corpo no meio do terreiro. Em seguida pôs remédio na ferida e notou que sua mãe começou a melhorar. Então disse :

— "Mamãe, mamãe".

Ela respondeu, embora quase imperceptìvelmente :

— "Ah Ah, que é, que é, meu filho".

— "Mamãe não morreu, mamãe não morreu" disse Deus que, ao deitar junto dela, sem saber como, bateu-lhe no peito, tendo ela então morrido mesmo de verdade.

Veio então o marimbondo Tunitunurri (marimbondo riscado), o féuluri (mangava) e o tatu peba, todos três cavando um buraco para ela. O tatu peba mora lá, todos três moram lá. Deus chorou muito a morte de sua mãe e continuou crescendo ligeiro.

Certo dia, chegou perto de Nitzuengle e pediu-lhe que fizesse para êle bastantes flechas e arcos, pois queria caçar muito. Nitzuengle pediu a seus camáras que trabalhassem nos arcos e flechas que Deus pedira. Começou então a levar os arcos e flechas para o mato e a escondê-los em certo local. Pediu também bordunas e outras armas. Nitzuengle começou a notar um gasto exagerado dessas armas, tendo Deus retrucado que muitos se haviam quebrado, outros perdido no mato.

Nesse ínterim, pôs fogo no taquari e deu a cinza para sua tia comer durante muitas luas. Ela então concebeu. Começou a ficar pesada, cada dia mais, seu ventre crescendo e crescendo sem parar. Deus poude então verificar que ela tinha concebido só índios bravos e começou a arquitetar um plano para dar cabo dos camáras de Nitzuengle. Chamou sua tia em particular e disse-lhe o que iria ocorrer. Esta ficou muito surpreendida, e prometeu-lhe que quando estivesse perto, de dar à luz iria avisá-lo, pois assim poderiam ir para o mato e esconder tal fato de Nitzuengle.

Certo dia, quando caçava, Deus encontrou a tucura (gafanhoto), bicho que pula no campo e perguntou a êle que nome tinha. Ao saber que não tinha nome algum, disse-lhe :

— "Pois você não tem nome ? Então eu lhe dou meu nome (rititaurinhe)".

Deus cresceu muito, ficou muito forte. Cresceu junto com a anta. Os camáras de Nitzuengle continuavam trabalhando para êle, fazendo arcos, flechas e bordunas. Certo dia, sua tia chamou-o e disse-lhe que seu ventre havia doído e que os índios bravos não deviam estar longe de nascer. E disse a verdade, pois no dia seguinte, à bôca da noite, chamou Deus e disse-lhe que fôssem depressa para o mato, pois não tardaria a começar o parto. Levou sua rêde e estendeu no mato. Nitzuengle não poude ir por se achar adoentado.

Logo que escureceu começaram a nascer os índios bravos. Apareceram os Chucarramãe, Deus deu-lhes flechas; aos Suiá, deu o taquari; aos Caiapó Deus deu borduna e assim por diante, para todos os índios bravos que nasceram, em grande número, até que acabaram as bordunas, os arcos e flechas que Deus tinha guardado durante tanto tempo. Uma vez tudo pronto, virando-se para sua tia, disse-lhe :

— "Pronto minha tia, pronto, pode voltar para casa".

Voltando-se a seguir para os índios disse-lhes :

— "Vocês ficarão aqui, até que leve minha tia em casa".

Dizendo isso, levou-a até perto da casa. No caminho pediram ao gambá uns filhos emprestados e, ao chegar em casa, a mulher mostrou-os a Nitzuengle dizendo que haviam nascido muitos, porém todos daquele jeito, o que lhe causou muito espanto.

Deus, voltando ao mato, reuniu os índios bravos e disse-lhes que iriam atacar Faucú, mas sòmente de madrugada, pois não se pode matar à noite. Virando-se mais uma vez para os índios, recomendou-lhes :

"Quando fôr de madrugada chamarei vocês".

E assim foi. Bem de madrugada, Deus chamou os Caiapós, Ticão, Chucarramãe, Suiá e todos os outros e deu ordem de combate. Antes, porém, chamou Nitzuengle e pediu-lhe que sentasse no seu arco, atirando-o a seguir para o ceu, a fim de que os Caiapós não o matassem.

O combate durou muitas horas, morrendo todos os camáras de Nitzuengle, sendo naquele dia flechadas tôdas as onças. Só fugiu a cotia, porque correu por baixo dos Caiapós.

Deus então mandou que os índios bravos fôssem para seus lugares. Espalhou-os pelas matas do Xingu, desde as nascentes do Kuluene, até os confins do Kurizevu ou o distante Morená, onde êle tem uma segunda aldeia. Disse-lhes que não saissem do mato, e quando fôssem andar e encontrassem outro índio brigassem, encontrasse outro não brigassem, outro brigassem, outro não brigassem, e assim por diante.

Chamou então o veado para levá-lo para o céu, mas o bicho começou a correr na campina para lá e para cá, sem poder subir. Decidiu então subir nas asas do gavião uirassu. Antes, porém, matou o socó,

que levou para pescar para o pai, sendo êsse o motivo pelo qual o socó é visto no céu tôdas as noites, como também o são Nitzuengle (via lactea) e sua mulher.

Foi por essa razão que os índios bravos se espalharam pelas matas do Xingu e, de vez em quando, procuram atacar as aldeias dos índios bons...

Durante a nossa estada na região, pudemos colher o vocabulário zoológico de várias tribos, e julgamos interessante dá-lo à publicidade, em forma que permita uma visão rápida dos vocábulos nas diferentes tribos.

Êsse vocabulário, incluindo animais e nomes muito usados pelos índios, poderá ser útil a outros estudiosos.

Os seguintes sinais gráficos foram usados para a representação dos valores fonéticos dos vocábulos:

g — sempre forte, como em gato, guerra.
h — aspirado.
k — q e c português.
ch — como em alemão ich
i — vogal.
j — como em português (já, geral).
ii — nh português.
x — como na palavra eixo, chá.
rr — r forte português.
s — s português.
z — z português.
ʌ — vogal fechada mesmo não sendo tônica.
vogal + n — vogal nasal.
vogal + n + m consoante — vogal nasal + consoante
m + consoante, ex: anmtúti.
— lh português.
ss — como em português asceta.
vogal + n + n — vogal nasal + consoante n.

Todos os outros sinais gráficos empregados têm o mesmo valor que em português.

PORTUGUÊS	KUIKURO	KALAPALO	MATIPÚ	NARUÕTO
Morcego	Atsígi	Atsíge	Atsíge	Atsíge
Gambá	Iro	Iru	Iru	Iru
Capivara	Akorítsa	Akúritsa	Akúriça	Akurítsa
Paca	Genári	Rínari	Rinári	Rinári
Cotia	Akuri	Akuri	Akuri	Akuri
Preá	Unpèkuéngle	Unpèkuengle	Unpékuengle	Unpékuengle
Ouriço	Arra	Arra	Arra	Arra
Lebre	. . . .	Agle	Agle	Águ
Rato	Uunpé	Unpé	Unpé	Unpé
Tamanduá	Arígnhe	Aríge	Aríge	Aríge
Tam. colête	Kanatahúgo	Kanatáhugo	Kanatahúgo	Kanatahúgo
Tatú canastra	Aruúga	Arôuga	Arúga	Arúva
Tatú peba	Karutáva	Kárutava	Karutáva	Kuarutava
Tatú galinha	Karutávacúsge	Atúke	Karutàvacúsge	Atúke
Preguiça	Auláti	Auláte	Auláti	Auláti
Cervo	Akanapéazazi	Akanapéazazi	Karapêazázi	Karapèazázi
Campeiro	Assán	Rátara	Assànkuéngle	Rátara
Mateiro	Nikaázazi	Nikaázaza	Assán	. . . .
Garapú	. . . .	Tsúzekle	Tsuzékle	. . . .
Caitetú	Féu	Atú	Féu	Féu
Queixada	Fèukuéngle	Aturun-éngle	Fêukuéngle	Fèukuéngle
Anta	Iále	Iále	Iále	Iále
Caxinguelê	Inro	Inro	Inro	Inro
Onça pintada	Tonurínhe	Turrúgutinhe	Tenhorinhe	Turrugutinhe
Onça vermelha	Tonurínhetínhe	Tsarrataráge	Tsarratárage	Tsarrataráge
Onça preta	Tenhorínhe	Turrugutinhe	Tainhorinhe	Tinavasekekínhe
Jaguatirica	Irivitá	Lírrita	Irritá	Irritá
Coati	Kavi	Kavi	Kavi	Kavi
Irara	Acuzo	Acuzo	acuzo	Acuzo
Ariranha	Táro	Táro	Táro	Táro
Jaratataca	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Lobo	Soróko	Sóroko	Sóroko	Sóroko
Cachorro mato	Sorò kokúsge	Sôrokokúsge	Sòrokokúsge	Sòrokokúsge
Bugio	Kahúgo	Kavugo	Kavugo	Kavugo
Cebus	Kaiêê	Kaiêê	Kaiêê	Tauê
Saguin	Kaiêêkuéngle	Kaiêêkúsge	Kaiêêkúsge	Kaiêêkusge
Nambú (tataupa)	Raráti	Rárati	Raráti	Raráti
" parvirostris	Tavatari	. . . .	. . . .	. . . .
" strigulosus	Isséun	Isséun	Isséun	Isséun
" soui	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Macuco	Punozo	Akankuéngle	Oponózo	Akankuéngle
Jaó	Akan	Akan	Akan	Akan
Ema	Ton	Ton	Ton	Ton
Biguá	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Carará	Agavavá	Agávava	Ravavá	Tolovavá
Corócoró	Kokorró	Krôkróte	Kokorró	Krokróte
Socóboi	Unonrro	Uonrro	Uonrro	Kuonrro
Magoari	Akara	Akara	Akara	Akara
Garça branca	Kuríza	Urizo	Urizo	Urizo
Garça real	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Tuiuiú	. . . .	Ritaiúa	Riraiúa	Ogonkuéngle
Marreca	Tuànkurrukuéngle	Angánga	Angánga	Angánga
Pato creoulo	Kovongo	Koyongo	Koyongo	Koyongo
Urubú rei	Urúvu	Urúvu	Urúvu	Urúvu
Urubú caçador	Kurruári	Kurruári	Kurruári	Tinavasekekíne
Urubú comum	Iarrutuka	Iarrutuka	Iarrutuka	Iarrutuka
Colhereiro	Kanrü	Karútu	Karútu	Karútu
Taquiri	. . . .	Kurrutságe	. . . .	. . . .
Marrecão	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Harpia	Tolokoéngle	Lokoéngle	Lokoéngle	Tolokoéngle
Carancho	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Gavião pombo	Arrítsa	Arisa	Ariça	Arisa
Buteo sp.	Tèrretérre	. . . .	. . . .	. . . .
Apacanin	Kutsu	Kutsu	Kutsu	Kutsu
Quiriquiri	Tuuté	Teéte	Teéte	Teéte
Acauã	Kankan	Kankan	Kankan	Kaankan
Pinhé	Fuâna	Fâna	Fâna	Fâna
Mutum cavalo	Kuzukuéngle	Páin	Kuzukuéngle	Kuzú
Mutun penacho	Kúzu	Kúzu	Kúzu	Kuzúkuéngle
Jacubin	Kuiúi	Kuiúi	Tunála	Turránla
Jacupemba	Arratu	Rratu	Rráto	Rratu

UALA PITI	MEHINAKU	WAURÁ	KALAPALO	MATIPÚ
Alúa	Alúa	Alúa	Kurrúka	Kurrúca
Iro	Mukutikumán	Pukutikuman	Kurruaglekué	Idem
Urruti	Ipierrê	Ikerrê	Kótige	Kotire
Iaápa	Iapá	Iápa	Kike	Kuekue
Pikiri	Pukiji	Pukiji	Térutéru	Térutéru
. . . .	. . . .	. . . .	Kakaza	Kakanha
Uialâma	. . . .	Ualâma	Táva	Atáva
. . . .	Hamaitsá	Hamatsupái	Fútipe	Fútipe
Mukuti	Mukute	Mukuti	Uitsukutináka	Uitsikutináka
Uáliti	Iúpe	Kiupe	Iakitsé	Iakitsé
Ukalo	Iupeten	Uakuaku	Opôkôko	Opôkôko
Malúla	Malulakumán	Malulá	Kuárako	Kuaráko
. . . .	Ukálo	Ukálu	. . . .	. . . .
Ukalutsi	Ukâlotaín	Ukaluté	Otije	Otije
Tinocóti	Parrikumán	. . . .	Kòkórro	Kokórro
Aiânma	Aiânma	Agânma	Làrrarrá	Làrrará
Aiutála	Iutá	Iutá	Tavitsé	Tavitsé
Kaiuta	Kaiuvá	Kaiuvá	Tío	Tío
. . . .	Iutataín	Iutataín	Kuritsé	Kuritsé
Aútu	Autú	Autú	Maín	Tivari
Apia	Autukumán	Autukumán	Kuapéke	Kuapéke
Tsama	Tême	Tême	Kuritsaká	Kuritsáka
Maiori	Meié	Meiéji	Iorró-iorró	Iorró-iorró
Kapaá	Ianumaka	Ianumaka	Tukútukú	Tukotuku
Iatala	Iutála	Iutála	Akutukuéngle	Akutukuéngle
Ksialáti	Mapuejísken	Ianumakalaki	Kuútutó	Kuutúto
Exóti	Ujíju	Ujíju	Puúpu	Puúpu
. . . .	Kaápi	Kapi	Kuaka	Kuaku
Mapanulá	Mapanulá	Mapanulá	Aiafê	. . . .
Uêri	Malakumán	Euéji	Kurrupizo	Kurrupízo
. . . .	. . . .	Euèjikanín	Ititalopli	Ititalopli
Auiúlu	Auiulu	Auaiúlu	Iturra	Turra
Tsunakatre	Uáu	Uáu	. . . .	. . . .
Kapúlo	Kapúlo	Kapúlo	Tavízoko	Katávizóko
Kujekuje	Párrhi	Párrhi	Tukúte	Tukúte
Kuspikujitimán	Parrikumán	Parrikumán	Kavòkokuéngle	Kavòkokuéngle
Sehuhu	Selukateju	Uilalaka	Kúzauka	Kuzáuka
Upukuia	Uatapatain	Ulutsá	Fiigi	Figi
Mani	. . . .	Makú	Itu	Itú
. . . .	. . . .	Mauiriri	Kaâkuéngle	Kaâkuénrre
Makukuakumán	Uúpu	Uúpu	Ereketsêitsêi	Ereketsêitsêi
Makukau	Makukauá	Makukauá	Tavakuéngle	Tavakuéngle
Takúla	Takula	Takulá	Uitió	Uitzió
. . . .	. . . .	Uiapaká	Fitsáva	Fitsavá
Alapápa	Alapapá	Alapapá	Tsoitsoi	Tsoitsoi
Kulúkulú	Kulúkulúrri	Kulúkulúzi	Atzánsa	. . . .
Ú	Unu	Iaxiulá	. . . .	. . . .
. . . .	. . . .	Uxasáia	Aripizo	. . . .
Kuri	Kuri	Tsapàtsapá	Kuii	Kui
. . . .	. . . .	Tsapâtsapâkiri	Fizikuéngle	Fizikuéngle
Tuiuiú	Uakála	Uakála	tinhe Aritinhu	Arititinhu
Alapâpakmán	Iarrinulá	. . . .	. . . .	Natalo
Upehu	Uupi	Upi	Künüha	Ekenbeni
Ulupu	Ulúpu	Ulubú	Távinha	Tavinha
Uaratá	Úa	Anajatálo	Fikútava	Fikutáva
Urulubuto	Úlubutapáte	Ulubutápát	Arítsata	Arisáta
Uauratat	Uára	Auáulu	Aiúe	Aiúe
. . . .	. . . .	Uaná	Ônhon	Ônhon
. . . .	. . . .	Uanánna	Aruta	Arúta
Kutipiramán	Kurrupuja	Puixakumán	Arutakuéngle	Arutâkuéngle
. . . .	. . . .	. . . .	Konto	Okonto
Riniatxu	Tapatapa	Ikanulá	Kontokuéngle	Kontokuéngle
Tikitiki	. . . .	. . . .	Kénrruéngle	Kenrruéngle
Uakuiúkú	Uakuiúkuiú	Uakuiúkuiú	Turínhge	Turinhe
Kapuute	Kuiúte	. . . .	Tanguinhe	Tanguinhe
Makauá	Makauá	Makauá	Fúnunun	Fúnunun
Fiálo	. . . .	. . . .	Gongonhuéni	Ogongoguéngle
Kuiutiur	Iumu	Ialaki	. . . .	. . . .
Kuiú	Kapalá	Kapala	. . . .	. . . .
Kuiuí	Kuiúi	Kuiúi	Urokoku	Urukku
Tumalak	Malahi	Malahi	. . . .	. . . .
			. . . .	. . . .

NARUÔTO	UALAPITI	MEHINAKU	WAURÁ	SUIÁ
Kurrúkara	Kuakutiri	Kulutalá	Kukará	Okruti
Idem	Uaratakumán	Malahikumán	Malaikumán	Utunibeti
Koture	Kurukará	Kirituá	Kiritavá	Kentói
Kikui	Alapupóiu	Alapupeju	Alapupeju	Têtê
Térutéru	Tseutseulo	Tèjutéju	Tèjutéju	Kukutikassakti
Kakaza	Inarrautsi	Kakanan	Kakanan	Canmbrí
Atáva	Utúko	Uatápa	Uatápa	Tutí
Fútipe	Tukupita	Kautevelo	Uatapâkumán	Tuti
Utukúie	. . . .	Tukujanteri	. . . .	Tupá
Kasauaro	. . . .	Tukujanteri	Tukutsé	Tutsí
Apôkóko	. . . .	Uatapataí	. . . .	Iongre
Kuarakó	Akuna	Akuna	Akuna	Jaó
. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	Iocanmbrí
Kotsipiri	Majatiri	Kenevekiri	Masketéje	Poikí
Korrókorró	Kulukulúti	Kaká	Utsukumán	Bantutí
Alárrara	Uaratatitiú	Ualatakíja	Ualatàkijá	Monorotí
Ivula	Hipulálo	Tsutába	Kajute	Jui
Turícovitínhe	Tseiu	Teiu	Siutêju	Sôe
Capituré	Kuri	Kuri	Kuri	Kêde
Tivari	Tsokôti	Sukúte	Sukúte	Krôi
Tuapéke	Uráu	Ujáio	Ujáo	Kroinbetí
Kuritsáka	Kuiêkuiê	Kuiakuia	Sakalo	Xentuki
Tikúrikuéngle	Tiururú	Kakaikumái	Iskutikumàntai	Iauputú
Tukutuku	Tukotuko	Tukotuko	Puupu	. . . .
Tukutukuéngle	Molokutikumán	Pupúpupú	Kekiapute	Hôhó
Kuútutu	Mulukúti	Mulukurro	Mulukui	Tonton
Puúpu	Pôpoôti	Püupu	Pupu	Tsipéte
Fuinhavó	Kuiáu	Kuião	Kamiki	Iavan
. . . .	Kuàkuá	Kuâkuá	Kuákuá	Sokotíge
Kurrupízu	. . . .	Ulukialo	Ulukialo	Eneni
Ititalopli	Kamipirá	Eletsikevatukuli	Tutu	Kiekeksin
Turra	Itsula	Itsula	Tsula	. . . .
. . . .	Turutu	Iruméhê	Irumé	Sóko
Tavizóko	Tarrizôko	Kukutilibiu	. . . .	Iarron
Tukúti	Tixtiaui	Arrira	Kumeji	Rokanmbretí
Kuavòkokuéngle	Tú	Uéle	Uaála	Gromti
Kuzáuka	Iakuakuá	Iaküküva	Iakavakuá	Gronsinle
Figi	Hiihe	Tupián	Parián	Untoití
Tuluma	Tulumalo	Tulumá	Tulumá	Ingré
Akankuénrre	Nariú	Ataiakalú	. . . .	. . . .
Ereketseitçê	Maritsucaiê	. . . .	Exitiju	Iketké
Tavakuéngle	Uatapakumá	Uapuné	Makanán	. . . .
Uitzió	Uiuió	Avutakui	Viviú	Pitúke
Vitsavá	Piitéüpü	Etsúco	Iusúco	. . . .
Tseétsoe	Tsualicúlo	Etsucotaín	Tivuipépi	. . . .
. . . . .	Tenenen	Tenenen	Tenenen	. . . .
. . . . .	. . . .	. . . .	. . . .	Unbon
Aripizó	. . . .	Kamupuixa	Kâmupuixate	Uessotigle
Kuí	Kuiúiu	Kueié	Kueié	Inene
Fizikuéngle	Ialukuma	Kamaiulá	Kamaiulá	Indó
Arititinhe	Tiriu	Kulateje	Kuijate	. . . .
Natalo	. . . .	. . . .	. . . .	Uessóti
Fitsiben	. . . .	Kuxima	Kuximán	. . . .
Távinha	Iaáka	Iaká	Iaká	Miti
Tavátso	Irú	Ipiú	Ikiu	Karranti
Kaiúvarágo	Paxaralo	Majajálo	Mazazalo	Karankuké
Uatsiputá	Irrikumalo	Aiuvé	Aiuvé	Konti
Ônhon	. . . .	Xulakumán	Iamulú	Uet
Ameiula	Taruro	Xulâ	Tsulá	Uete
Talavitinhekuéng	Iamulú	Xulakumán	Iamulú	Uete
Kekintó	Ualâma	Ualâma	Ualâma	Roti
Kontokuéngle	. . . .	Tutujême	Tutujême	Kangati
Kenrruenge	Uikiumá	Uiukiumá	Iêtitsá	Uruti
Vevatiota	Molúku	Hui	Uatahi	Kangô
Tanguinhe	Kuiusíje	Keierêrí	Kiêtsisá	Uruti
Fúnunun	. . . .	Tepu	Tsepu	. . . .
Aritaíua	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
. . . .	. . . .	. . . .	Fuamape	. . . .
. . . .	. . . .	Iá	Aiêten	Uede
Urukuku	Kaialatá	. . . .	Kapúlupi	Kangô
. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .

TRUMAI	KAMAIURÁ	AUETÍ	PORTUGUÊS	KUIKURO
Arruruko	Kurutará	Kurutaraí	Capoeira	Kurrúkara
Lofefnarrenén	Iribuanan	Ruapiruatú	Jacamim	Kurruàglekuéngle
Tirikoko	Piritót	Tarakú	Saracura	Kuruukága
Anapetsó	Auapêkaí	Vapiatók	Piaçoca	Ikike
Kerêkeré	Térutéru	Teruterú	Queroquero	Teruterú
Uiát	Pakuen	Kakaián	Gaivota	Ivuhín
Azulú	Pükaú	Püka	Pomba bando	Tava
Azulumuluxáx	Pükauivenín	Tanatitá	Pomba verdadeira	Vôtipe
Azulunipti	Terutí	Pikaiê	Juriti	. . . .
Azulunipti	Terutsí	Pikaiê	Rolinha	. . . .
Imati	Pükauí	. . . .	Fogopagô	Apokóko
Issiaurák	Tapén	. . . .	Tesoura	Kuarako
Totsit	Atsinaún	. . . .	Alma de gato	. . . .
Kauau	Tetsin	Karovi	Saci	Otije
Araiú	Kanutsibén	Manukatú	Anú preto	Kókorro
Tanachrrikat	Ararún	Ararán	Arara azul	Alála
Tsúru	Caniné	Taviti	Arara canindé	Tavitsé
Karitskarits	Tuinmará	Tsukuri	Aratinga aurea	Tío
Pité	Kapituré	Muraít	Suia	Kuritsé
Urêuré	Tuitsit	Tsukúie	Periquito	Tikuri
Uréurepisati	Aiurú	Rapuri	Am. aestiva	Kuapekú
Piténerrené	Kuritsaká	Tanganít	Am. amazonica	Kuritsaká
Kitski	Itapémokarèt	. . . .	Tuin	Iorró-iorró
Aiai	Püpüpüpü	Takuiut	Corujão	Tukutuku
Morokoreá	Ainain	Ainain	Coruja	Akutukuéngle
Suiâpaié	Kokoreá	Uxi	Caburé	Kututu
Hoptik	Kokoreàbután	. . . .	Mochinho	Pôpô
Arutau	Uiaó	Tatá	Bacurau	Kuáko
Kaviriho	Urutavi	Kuakuarit	Urutau	Aiavi
Tulutúlu	Imuitarai	Ioroít	Andorinha	Ukupizo
Tututukuk	Urukuá	Kururuatú	Surucuá	Ititolopli
. . . .	Iatavátsi	Pirenginán	Martin-pescador	Itúrra
Miriri	Irup	Kuxip	Juruva	Indutu
Uaiumin	Tuitsiuaiukú	. . . .	Viuvinha-tesoura	Tarrizóko
Toróko	Uainemuin	Puringet	Benja-flôr	Tukúti
Iukuakuá	Tukatsiuán	Tunganangit	Tucanuçu	Kavâkakuéngle
Tukanonehenen	Iurréte	Tungán	Tuc. peito branco	Kuzáuka
Uazuáz	Tukanin	Pilinit	Araçari	Fiigii
ivecú	Arapauá	Unden	Picapau	Itú
. . . .	Ipekotin	Unpegantinge	Bilro branco	Issilungalupé
Makanan	Peratitsin	. . . .	João Tenenen	Eréketsêçê
. . . .	Urüvürairoit	. . . .	Anambé	Tavakuéngle
Pitorró	Vivió	Vivió	Tropeiro	Uitzió
. . . .	Pitauán	Mitsukú	Bentevi	Fitsavá
Pukanerrenen	Pitauain	Mitsukuit	Siriri	Tsoitsoi
. . . .	Kakaen	Mangáin	Cancan	Atzaátsa
Araurá	Piupivút	Piupivut	Ariramba	. . . .
Some	Ararâvuirá	Kuarepusá	Sangue de boi	. . . .
Taritarinerrene	Japií	Japiin	Japin	Kui
Vitzi	Kakati	Ianbiangitú	Pássaro preto	Fiizikuéngle
. . . .	Mitsunin	Taurikut	Tziu	Torritorrinhakaketi
Tuláfi	Urapin	. . . .	Passarinho	. . . .
. . . .	Iahú	. . . .	Japú	. . . .
Topetné	Iakaré	Tobêrít	Jacaré	Tauínha
Tsulo	Trakaiá	Tavájê	Tracajá	Fikutáva
Utsarára	Araire	Tavaureremit	Tartaruga	Aritsáta
Urútsu	Iauatsibutá	Tarapék	Jaboti	Aiúe
Uel	Enemú	Taruramut	Iguana	Ônhon
Karslé	Teiuparáp	Tetú	Ameiva	Arúta
Palântii	Iamuruú	Taú	Teiú	Arútakuéngle
Auach	Monun	Tovoiuátu	Sucuri	Konto
Lessi	Giboi	. . . .	Giboia	. . . .
Daxurarák	Monatsin	Tararak	Lachesis	Kènrruéngle
Pesamú	Moitatanán	Nataiatari	Coral	Tumínhge
Daxurarák	Moicinin	Tuturême	Cascavel	Tanginhe
Sak	Ivuiát	. . . .	Cobra 2 cabeças	Fuun
. . . .	Moín	Moin	Cobra pequena	Gongonhuêni
Kolerxixnahú	Moitikoin	Moinit	Cobra	. . . .
Sonamarêkti	Tratsikai	Tetuange	Anolis	. . . .
Kolerxix	Uirapiauat	. . . .	Coral vermelha	Huatake
. . . .	Iararák	Tararák	Jararaca	. . . .
	Arutsam	Narrú	Pipa	Assuti

SUIÁ	TRUMAI	KAMAIURÁ	AUETI	MEHINAKU
Piri	Petéu	Ravü	Kururuít	Uexêxe
Piri	Peteunahú	Ravuí	. . . .	Uexexétin
. . . .	Petéu	Kururuiatsán	Kururuiraít	Katutukalute
Iaunké	Kururuí	Kururuí	. . . .	Katutukalotain
Iomú	Omalikitakiták	Kururú	Kururú	Kututukálo
Iaupirí	Kururuí	Kurutarait	Kururuiaraít	Katutukalotaín
Mutxoa	Atesladuçá	Ivuvoóuki	Ívüvovouk	Uialaláka
. . . .	. . . .	Tenguro	Uruemé	. . . .
Káua	Tucuraxá	Kundán	Ítá	Tüüpa
Káu	Uaraxá	Kaiaravé	Itamukú	Ulutapa
. . . .	. . . .	Muxiga	Ípiraun	. . . .
. . . .	. . . .	Makualá	Makuará	. . . .
Kuanti	Kutapoháka	Tulúvi	Uruvi	Tulúpi
Sinkaçotí	Tinianerrenen	Tniniauatú	Tsiniaruiap	Kirikiumá
. . . .	. . . .	Manduvé	Manuvé	. . . .
Anmbotí	Tislekiték	Pangáin	Ípiran in	Iúluma
. . . .	Uatét	Pirauatú	Ípirahukú	Exupi
Kondutendeptí	Kutavaxavaxák	Tuniá	Ananiá	Iuma
Sanmdotí	Kararapirá	Ererepirá	Ararapirá	Murrirranipióte
Uariti	Nomut	Pirapé	Amoatá	Erretú
Ironti	Ivé	Neantú	Kurimatá	Kuá
Tepsóati	Omáka	Tati	Aikan	Uápi
. . . .	Tinapá	Kunaré	Tukunaré	Iêtsápa
Sikranmbetí	Pudát	Ipiau	Ipiáu	Ualakó
Gronmti	Pontorek	. . . .	Ipiavú	Poikiá
Fuiri	Tarrestsi	Pirapeurataví	Tabakanán	Uixipá
Fuiriki	Tatkat	Bakú	Pakú	Ukipiá
Uirití	Pudót	Nipiutá	Tarêit	Iulâma
. . . .	. . . .	. . . .	Ipiraut	Puiute
. . . .	. . . .	Pirapevít	Apakaí	. . . .
. . . .	. . . .	Krikrige	Karikari	. . . .
. . . .	. . . .	Mulutá	Murutá	. . . .
. . . .	. . . .	Nangaremep	Karauvá	. . . .
. . . .	. . . .	Pakuatáp	Uakupá	. . . .
. . . .	. . . .	Muxigapevit	Ipiavuít	. . . .
Sêkí	Tarhunhunké	Undandú	Ianuhan	Kiuá
. . . .	Kiririhé	Mangangain	Makakaín	. . . .
Seti	Teukú	Dendevú	Ietevúk	Kupá
Sê	Têukunitsi	Dendeuít	Ietevukí	a Kumépe
Anmtí	Kaôlo	Dunundunuri	Tunutunurri	Memétê
. . . .	. . . .	. . . .	Karuá	. . . .
. . . .	. . . .	. . . .	Iaúk	. . . .
. . . .	. . . .	Ívatú	Ivahú	. . . .
. . . .	. . . .	Lupelupeít	Iapeapéi	. . . .
Anmtí	Káo	Kap	Kap	Atapujá
Kanmbrí	Uaráre	Tovak	Uarauará	. . . .
Kungôno	Nuênuéau	Manganá	Mangangá	Memetikumán
Sinbretí	Tapeuá	Maneu	Maneuarú	Ualukatupalo
Runsó	Kulumaték	Ambirangít	Ariri	Tjiulapá
Rundára	Tokanuro	Tapiá	Tokanüt	Men
Rundí	Taü	Turuvit	Taütaüvi	Kaipialo
Ranmtigü	Tarén	Turuviamut	Taütaüren	Errenemalo
Kinbetí	Kasoliké	Tarrin	Tukuri	Arratikumán
. . . .	Turrútu	Alupelupé	Apiapeí	Mutupetiti
Kitsangí	Tarumók	Taviriri	Kakakain	Kiriri
. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Rotí	Tevekú	. . . .	Tevekú	Kavalui
Uiantiritá	Makakaen	. . . .	Iamatukan	Kajasúpa
Uombi	Homé	Peuruatú	Minoakatsín	Karrupalo
Gonborossetí	Missúnatusuk	Metíti	Enemuái	Uanauanálo
Ueué	Tumutumú	Kuiukuiú	Panapanám	Mapapálu
Kongontí	Nuenué	Enemut	Enén	Hikipiúlulu
Roití	Kiriri	Kutsek	Evinekutsi	Kujulo
. . . .	. . . .	Apeaperí	Iapéteinteimai	. . . .
Kêne	Dudu	Takuak	Takurup	Munu
Kêne	Kupi	Kupiá	Kupii	Munutú
Kôvó	Merú	Tanbemuít	Meirúp	Iuvuiutú
Uevé	Datiké	. . . .	Mutúk	Hêputi
Teiui	Tidarx	Tarxikiú	Iatsiún	Eiu
Kóp	Meiót	Tanbemuít	Meruvi	. . . .
. . . .	Taditadiau	. . . .	Meruvi	. . . .
Bentí	Piôto	Nipiun	Ipiun	Ejónte

PORTUGUÊS	KUIKURO	KALAPALO	MATIPÚ	NARUOTO
Bicho vareja	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Malófaga	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .
Piolho humano	Aaün	Aun	Aun	Uauro
Lendia	Ivón-in	Ivún-i	Ivún-i	Uaurovoín
Pulga	Tsorrângu	Tsorrângu	Tsurrângu	Katsorruange
Bicho de pé	Avánhi	Afángi	Avánhe	Uafanitsu
Libelula	Tundungi	Dundungi	Dundungi	Tundungi
Cigarra	Tókotóko	Tókotóko	Tókotóko	Kaataru
Carangueijo	Tuvóko	Tuvóko	Tuvóko	Tuvóko
Camarão	Rüta	Ruta	Ruta	Ruta
Verme	Uiáhuru	. . . .	. . . .	. . . .
Esponja	. . . .	Isanto	Isantu	Santo
Embrião	Imukuro	Múkuro	Mukúro	Mukuru

UALAPITI	MEHINAKU	WAURÁ	SUIÁ	TRUMAI
. . . .	Itiritái	. . . .	Bentupat	Merupat
. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	Assi
Nhan	Nonéte	Unetsé	Iamkó	Assi
Narrétsi	Nitsái	Itsái	Iamkóké	Assitáf
. . . .	. . . .	. . . .	Iamkovisukapá	Kuluaké
Mapaiá	Puíjate	Puixate	Uissú	Tun
Titiápuiat	Kunhekunhêtute	Kunhekunhejuti	Téve	Kutan
Xulo	. . . .	Issôn	Nhenhen	Sensen
Irrhalato	Etêjo	Eteju	Baisutí	Uarára
Axtiu	Kiriumatain	. . . .	. . . .	. . . .
Tavaiulá	Uleiki	Leiki	. . . .	. . . .
Kauiritá	Kukutái	Kukutái	. . . .	Ku
Irrá	Itain	Tain	Ikarrot	Manikêtmulá

KAMAIURÁ	AUETÍ
Iêtsin	Uêbit
Küüp	. . . .
Küüp	Aküp
Kuvá-arupiá	Akurupiá
Iküp	. . . .
Tun	Dun
Apuririn	Manganlandit
Inakurrán	. . . .
Uararuá	Tamuinít
Matsián	. . . .
Ipüauk	. . . .
Iuát	Akukutái
Iputavuruetê	Eminungulupáp

NOMENCLATURA DOS NOMES COMUNS USADOS NO VOCABULÁRIO

MAMÍFEROS:

Anta — *Tapirus terrestris* (Linnaeus)
Ariranha — *Pteronura brasiliensis* (Zimmermann).
Bugio — *Allouata belzebul* (Linnaeus)
Cachorro do mato — *Dusicyon thous* (Linnaeus)
Caititu — *Pecari tajacu* (Linnaeus)
Capivara — *Hydrochoerus hydrochaeris* (Linnaeus)
Caxinguelê — *Sciurus gilvigularis* (Wagner)
Cervo *Blastocerus dichotomus* (Illiger)
Coati — *Nasa nasua* (Linnaeus)
Gambá — *Didelphis* spp.
Garapu — *Mazama rondoni* (Mir. Ribeiro)
Irara — *Tayra barbara* (Linnaeus)
Jaguatirica — *Felis pardalis* (Oken)
Jaratataca — *Conepatus suffocans* (Illiger)
Lebre — *Sylvilagus brasiliensis* (Linnaeus)
Lôbo — *Chrysocyon brachiurus* (Illiger)
Macaco prego — *Cebus cay* (Olfers)
Morcêgo — *Chiroptera* spp.
Onça parda — *Felis concolor* (Linnaeus)
Onça pintada — *Felis onca* (Linnaeus)
Onça preta — *Felis onca* Linnaeus f. *melanica*
Ouriço — *Coendou* spp.
Paca — *Cuniculus paca* (Linnaeus)
Preá — *Gallea spixii* (Wagler)
Preguiça — *Bradypodidae* sp.
Queixada — *Tayassu pecari* (Link)
Rato — *Muridae* spp.
Sagüim — *Hapalidae* spp.
Tamanduá bandeira — *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus)
Tamanduá colête — *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus)
Tatú canastra — *Priodontes giganteus* (E. Geoffroy)
Tatú galinha — *Dasypus novemcintus* (Linneaeus)
Tatú peba — *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus)
Veado mateiro — *Mazama americana* (Erxlehen)
Veado campeiro — *Ozotocerus bezoarticus* (Linnaeus)

AVES:

Acauã — *Herpetotheres cachinnans* (Sharpe)
Alma de gato — *Piaya cayana* (Sclater)
Anambé — *Cephalopterus ornatus* (Geoffroy Saint-Hilaire)

Andorinha — Arundinidae e Micropodidae em geral
Anu — *Crotophaga ani* (Linnaeus)
Araçari — *Pteroglossus* spp. em geral
Arara azul — *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham)
Arara canindé — *Ara ararauna* (Linnaeus)
Ariramba da mata — Galbulidae em geral
Bacurau — *Nyctidromus albicollis* (Gmelin)
Beija-flôr — Trochilidae em geral
Bentevi — *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus)
Biguá — *Phalacrocorax olivaceus* (Humboldt)
Bilro branco — *Leuconerpes candidus* (Otto)
Caburé — *Glaucidium brasilianum* (Gmelin)
Cancan — *Cyanocorax* spp. em geral
Capoeira — *Odontophorus* spp. em geral
Carancho — *Polyborus plancus brasiliensis* (Gmelin)
Carará — *Anhinga anhinga* (Linnaeus)
Colhereiro — *Ajaia ajaia* (Linnaeus)
Corocoró — *Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin)
Corujão — *Bubo virginianus nacurutu* (Vieillot)
Ema — *Rhea americana* (Rostchild & Chubb)
Fogopagô — *Scardafella squammata* (Lesson)
Gaivota — *Phaetusa simplex* (Gmelin)
Garça branca — Casmerodius albus egretta (Gmelin)
Garça real — *Pilherodius pileatus* (Boddaert)
Gavião pombo — *Ictinia plumbea* (Gmelin)
Gavião real — *Harpya harpyja* (Linnaeus)
Jaburú — *Jabiru mycteria* (Lichtenstein)
Jacamim — *Psophia viridis obscura* (Pelzeln)
Jacubin — *Pipile cumanensis* subsp.
Jacupemba — *Penelope superciliaris* (Wied)
Jaó — *Crypturellus undulatus* subsp.
Japim — *Cacicus cela* (Linnaeus)
Japu — *Gymnostinops yuracares* (Laffresnay & d'Orbigny)
João tenenen — *Synallaxis* spp. em geral
Juriti — *Leptoptila* spp. em geral
Juruva — *Momotus momota* (Linnaeus)
Macuco — *Tinamus tao* (Temminck)
Magoari — *Ardea cocoi* (Linnaeus)
Martim - pescador — *Megaceryle torquata* (Linnaeus)
Marreca — *Dendrocygna autumnalis discolor* (Sclater & Salvin)
Marrecão — *Neochen jubata* (Spix)
Mutun cavalo — *Mitu mitu* (Linnaeus)
Mutun penacho — *Crax fasciolata* (Spix)
Nambu — *Crypturellus* spp. em geral
Papagaio — *Amazona amazonica* (Linnaeus)
Papagaio verdadeiro — *Amazona aestiva* (Linnaeus)

Passarinho — Passeriformes de pequeno porte
Pato creoulo — *Cairina moschata* (Linnaeus)
Pássaro prêto — *Molothrus bonariensis* (Gmelin)
Periquito — Periquitos em geral
Piaçoca — *Jacana spinosa* (Linnaeus)
Pica-pau — Pici e Dendrocolaptidae em geral
Pinhé — *Milvago chimachima* (Vieillot)
Pomba de bando — *Zenaida auriculata* (Salvadori)
Pomba trocal — *Columba speciosa* (Gmelin)
Pomba verdadeira — *Columba rufina sylvestris* (Vieillot)
Queroquero — *Belonopterus chilensis* (Wagler)
Quiriquiri — *Cerchneis sparverius eidos* (Peters)
Rendeira — Pipridae sp.
Rolinha — *Columbigallina talpacoti* (Temminck)
Saci — *Tapera naevia* (Sclater)
Sangue de boi — *Ramphocelus carbo* (Pallas)
Saracura — *Aramides cajanea* (Mueller)
Savacú — *Cochlearius cochlearius* (Linnaeus)
Siriri — *Tyrannus melancholicus* (Vieillot)
Socó boi — *Tigrisoma lineatum* (Sharpe)
Suia — *Pionus menstruus* (Linnaeus)
Surucuá — Trogonidae em geral
Tesoura — *Muscivora tyrannus* (Linnaeus)
Tropeiro — *Lippaugus vociferans* (Wied)
Tucano de peito branco — *Ramphastos monnilis* (Mueller)
Tucanuçú — *Ramphastos toco* (Mueller)
Tuin — *Forpus passerinus* subsp.
Tziu — *Volatinia jacarina* (Linnaeus)
Urubu comum — *Coragyps atratus foetens* (Lichtenstein)
Urubu - rei — *Sarcorramphus papa* (Linnaeus)
Urutau — *Nyctibius griseus* (Gmelin)
Viuvinha tesoura — *Arundinicola* sp.

RÉPTEIS E ANFÍBIOS :

Ameiva — *Ameiva* sp.
Anolis — *Anolis* sp.
Cascavel — *Crotalus* sp.
Cobra — Ofídia em geral
Cobra duas cabeças — *Siphonops* sp.
Cobra pequena — Colubridae de pequeno porte
Coral — *Elapidae* spp.
Coral vermelha —
Jibóia — *Constrictor constrictor* (Linnaeus)
Girino — Larva de Anuros
Iguna — *Iguana iguana* (Linnaeus)

Intanha — *Ceratophrys dorsata* (Wied)
Jacaré — *Caiman crocodilus*
Jaboti — *Testudo tabulata* (Walb)
Jararaca — *Bothrops* sp.:
Lachesis — *Lachesis muta* (Linnaeus)
Perereca — *Hyla* spp.
Pererequinha — Anuros arborícolas de pequeno porte
Pipa — *Pipa* sp.
Rã — *Leptodactylus* spp.
Sapinho — Anuros terrícolas de pequeno porte
Sucuri — *Eunectes murinus* (Linnaeus)
Tartaruga — *Podocnemis expansa* (Schw)
Teiú — *Tupinambis teguixin* (Linnaeus)
Tracajá — *Podocnemis cayennensis* (Schw)

PEIXES:

Acará — Geophagus sp.
Bagre — Rhamdia sp.
Barbado — Pirinampus sp.
Bicuda — Xiphostoma sp.
Cachorra — Raphiodon sp.
Cascudo — Loricariidae spp.
Coridoras — Corydoras spp.
Corvina — Pachyurus sp.
Curimatá — Prochilodus sp.
Fidalgo — Pimelodidae sp.
Lambari — Tetragonopterinae spp.
Matrichan — Characidae sp.
Matrichan anã — Characidae sp.
Pacu - anão — Characidae sp.
Pacu - manteiga — Characidae sp.
Pacu - prata — Characidae sp.
Piau — Leporinus sp.
Pintado — Pseudoplatistoma sp.
Piraíba — Brachyplatistoma sp.
Piranha — Pygocentrus e Serrasalmus sp.
Pirarara — Phractocephalus sp.
Tamboatá — Callicthys sp.
Traíra — Hoplias sp.
Trairão — Hoplias sp.
Tucunaré — Cichla ocellaris (Bloch & Val.)

INVERTEBRADOS:

Abelha — Apidae e Meliponidae em geral
Arapuá — *Trigona* sp.
Aranha — Araneae em geral
Baratinha — *Blatella germanica*
Barata cascuda — Blattidae de grande porte
Besouro — Coleópteros em geral, especialmente Scarabeidae spp.
Bicho de pé — *Tunga penetrans* (Linnaeus)
Bicho pau — Phasmidae spp.
Bicho de vareja — Larvas de sarcofagideos
Borboleta — Lepidópteros em geral
Camarão — Palaemonidae spp.
Carabídeos — Carabidae spp.
Carangueijo — *Trichodactylus* sp.
Caramujo — *Strophocheilus* sp.
Carrapato — Ixodídeos em geral
Carrapatinho — Larvas hexápodas dos Ixodidae
Chloropidae — Chloropidae spp.
Cigarra — Cicadidae spp.
Concha — *Prisodon castelnaudi* (Hupé)
Correição — *Eciton* spp.
Cupim - pau — *Rhinotermitidae* sp.
Cupim - terra — Termitidae sp.
Escorpião — Scorpiones em geral
Esperança — Tettigonidae sp.
Esponja — Tubella sp.
Formigão — *Paraponera clavata* Fabr.
Gafanhoto — Locustidae spp.
Gerrídeo — Gerridae spp.
Grilo — Gryllidae spp.
Joaninha — Chrysomelidae spp.
Lagarta — Larvas de Lepidóptera em geral
Lambe - ôlho — *Trigona duckei*
Lavapé — Myrmecinae sp.
Lêndea — Ovos de *Pediculus humanus*
Libélula — Odonata em geral
Louva deus — *Stagmatoptera* sp.
Malófaga — Malophaga sp.
Mamangaba — *Xylocopus* sp.
Marimbondo — Vespidae spp.
Marimbondo riscado — *Stictia* sp.
Minhoca — Oligocheta terrícola em geral
Môsca — Dípteros em geral (Muscidae)
Mutuca — Tabanidae spp.
Ostra do rio — *Anodontitis* sp.

Percevejo — Hemíptera em geral
Piolho — *Pediculus humanus* (Linnaeus)
Pernilongo — Culicidae spp.
Pompilídeo — Pompilidae spp.
Pium — *Simulium amazonicum*
Pulga — Pulicidae spp.
Saúva — *Atta sexdens laevigata*
Serra pau — Cerambycidae spp.
Embrião — Embrião de vertebrados em geral.

Aos colegas João Moojen de Oliveira e Helmut Sick, que compartilharam com o autor da última viagem ao Xingu, aqui ficam os agradecimentos devidos não sòmente pela boa camaradagem, como também pela retificação dos nomes de mamíferos e aves mencionados no texto. Também cooperaram com o autor, no presente trabalho, o Dr. Matoso Câmara, orientando a grafia dos têrmos indígenas, os Irmãos Villas Boas (Orlando, Claudio e Leonardo) auxiliando nos trabalhos de campo. Cabe agradecer ainda à Fundação Brasil Central e aos membros da Expedição Roncador Xingu, que tudo fizeram pelo bom êxito de nossa excursão.

Fig. 1 — *Gaiola do Gavião Real, nos Waurá*
— Foto Pedro Lima.

Fig. 2 — *Espongiários da última enchente* (1947)

— Foto do Autor.

Fig. 3 — *Habitação kalapalo com jiqui no 1.° plano*
— Foto do Autor.

Fig. 4 — *Cerrado nos Kalapalo*

— Foto do Autor.

Fig. 5 — *Dois exemplares dos trairões do Xingu*
— Foto Manoel R. Ferreira.

Fig. 6 — *Jaguatirica abatida nos Waurá*
— Foto Pedro Lima.

Fig. 7 — *O peixe no moquem*

— Foto do Autor.

Fig. 8 — *Exemplar de pintado* (surubim)

— Foto do Autor.

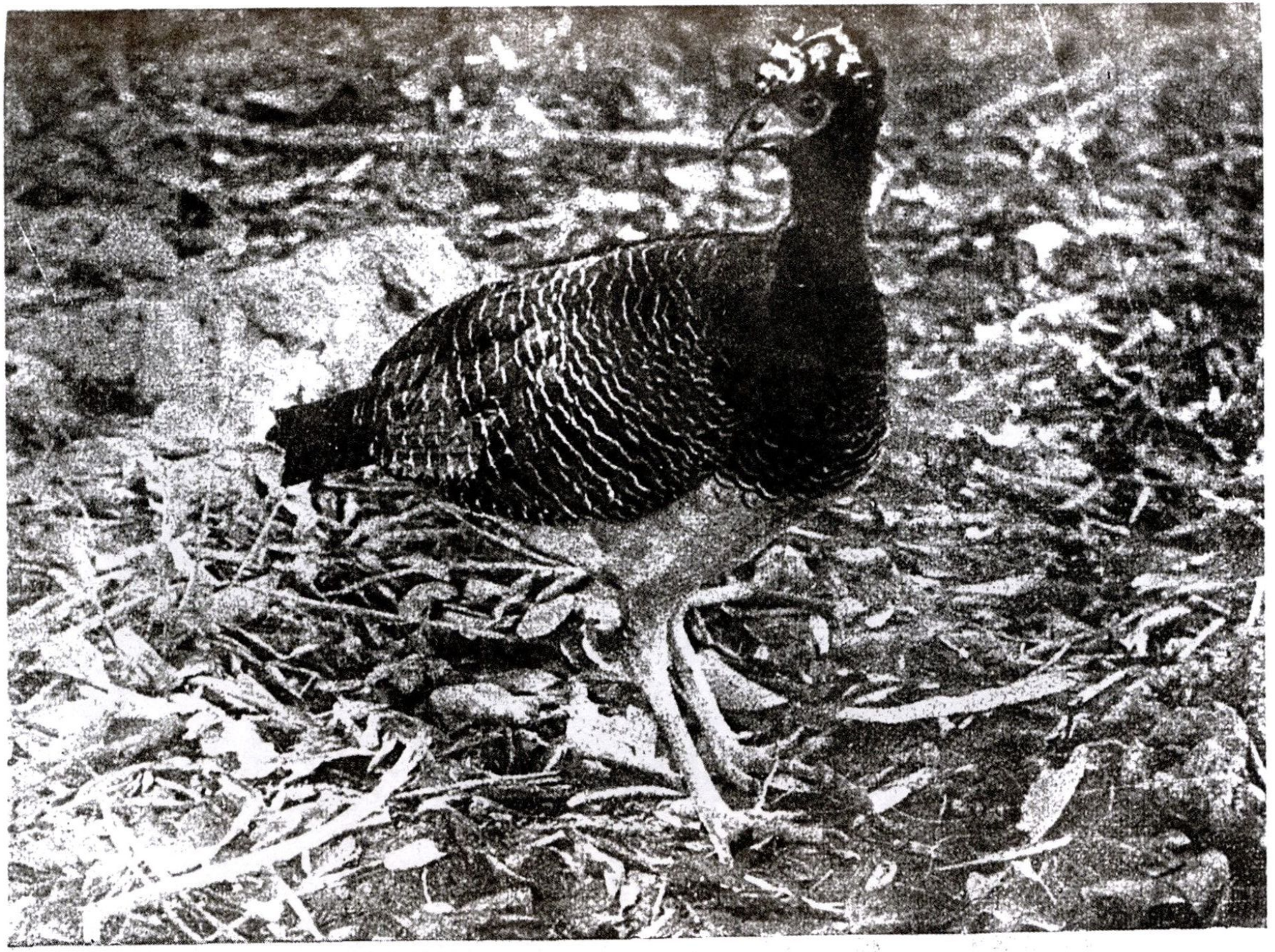

Fig. 9 — *Mutum de penacho, fêmea*

— Foto do Autor.

Fig. 10 — *Piranha de cabeça vermelha*

— Foto do Autor.

CULTURA
Secretaria de Estado

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM